

adf

A F R I C A D E F E N S E F O R U M



DESMANTELANDO REDES CRIMINOSAS

Forças de Segurança
Derrubam Redes de Tráfico

PLUS

Frotas de Pesca da China Saqueiam a Vida Marinha

VISITE-NOS ONLINE: ADF-MAGAZINE.COM

36

reportagens

8 Uma Armada Invasiva

O alcance da frota de pesca em águas longínquas da China desafia África no mar e no continente.

14 Protegendo o 'Segundo Pulmão' da Terra

Madeireiros ilegais, indústrias e práticas agrícolas ultrapassadas ameaçam a Bacia do Congo.

20 Evasão de Capitais, Riqueza Roubada

O antigo sistema chinês de *feiqian*, muitas vezes, está associado ao contrabando.

26 COVAX Distribui Vacinas em África

Um plano global de distribuição equitativa das vacinas está a disponibilizar gratuitamente milhares de doses no continente.

30 Uma Tendência para o Caos

Há muito conhecido como o 'narco-Estado' de África, a reputação de Guiné-Bissau será difícil de abalar.

36 Um Recurso Precioso

À medida que os grupos extremistas violentos avançam para explorar minas de ouro artesanais, crianças caem num perigo ainda maior.

42 Procurar o Chifre no Palheiro

Aprendizagem automática e ferramentas de tecnologia ajudam as autoridades a restringirem os esforços para capturar os traficantes de produtos provenientes da fauna bravia.

48 Equipas de Fiscais do Sexo Feminino Desfazem Estereótipos

Estas mulheres provaram às suas comunidades que são iguais às suas contrapartes masculinas.

52 COVID-19 Abre Caminho para Caçadores Furtivos

Enquanto o turismo diminui nas reservas, os fundos para a protecção animal também diminuem.





64

colunas

4 Pontos de Vista

5 Perspectiva Africana

6 África Hoje

56 Cultura e Desporto

58 Perspectiva Internacional

60 Defesa e Segurança

62 Caminhos da Esperança

64 Crescimento e Progresso

66 Retrospectiva

67 Onde Estou?



**A Africa Defense Forum
está disponível online.**

Por favor, visite-nos em:
adf-magazine.com



NA CAPA:

Esta ilustração da ADF mostra o emaranhado de redes ilícitas que capturam os recursos do continente africano.

A COVID-19 reduziu o comércio a nível mundial, mas não parou com as intenções criminosas de roubar a riqueza natural de África. Na verdade, alguns caçadores furtivos, madeireiros e criminosos marítimos consideram o vírus como uma oportunidade. Estão a procurar tirar vantagens dos confinamentos obrigatórios e dos desvios de recursos da segurança para expandirem as suas operações.

A grande dimensão dos seus crimes exige uma resposta unificada.

Cerca de 11.000 quilómetros quadrados de floresta tropical da Bacia do Congo são explorados anualmente — na maioria das vezes de forma ilegal — para que a madeira possa ser enviada para o estrangeiro para alimentar a demanda de mobília.

Ao largo da costa da África Ocidental, frotas de arrastões estrangeiros estão a recolher peixe e a dizimar os recursos de que as comunidades dependem por gerações. De acordo com uma estimativa, anualmente, a pesca ilegal lesa a África Ocidental em 2,3 bilhões de dólares.

Pelo continente, os caçadores furtivos estão a destruir as populações de rinocerontes, elefantes, pangolins e outros animais para suprir ingredientes para as afirmações não comprovadas da medicina tradicional chinesa. Estes caçadores furtivos põem em perigo a rica biodiversidade do continente e a sua indústria de turismo da fauna bravia que rende 29 bilhões de dólares por ano.

Embora o problema seja de grandes dimensões, as novas tecnologias podem dar às forças de segurança uma vantagem. A inteligência artificial e a aprendizagem automática têm o potencial de fazer com que a vigilância seja mais eficaz do que nunca. Pequenas câmaras podem ser programadas para identificar caçadores furtivos e veículos suspeitos no momento em que entram nas reservas de caça. Os funcionários das alfândegas podem utilizar programas de aprendizagem automática para ajudar a identificar cargas suspeitas e focalizar as suas inspeções na descoberta de carregamentos de produtos ilegais provenientes da vida selvagem. Na Bacia do Congo, sistemas de alerta baseados em radares rastreiam operações de exploração ilegal de madeira para que as forças de segurança as possam dismantelar.

Resolver estes problemas não será fácil. Será necessário atacar os fluxos financeiros que possibilitam o tráfico, processando os cabecilhas poderosos, vigiando as rotas e exigindo o cumprimento da lei nas fronteiras. O tráfico é um problema global, mas existe a vontade para dismantelar estas redes. Se as forças de segurança puderem fazer alianças com outros países, com o sector privado e com as organizações não-governamentais, o continente pode emergir da COVID-19 com uma ênfase renovada na protecção dos recursos naturais para as gerações vindouras.

Equipa do Comando Africano dos Estados Unidos

Uma unidade de combate à caça furtiva da Força de Defesa do Botswana faz a patrulha do Rio Chobe. REUTERS



Tráfico Criminoso Volume 14, 2º Trimestre

COMANDO AFRICANO
DOS ESTADOS UNIDOS



CONTACTOS:

U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum
Unit 29951
APO-AE 09751 USA

ADF.Editor@ADF-Magazine.com

**HEADQUARTERS
U.S. AFRICA COMMAND**

Attn: J3/Africa Defense Forum
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart, Germany

Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas em segurança em África. As opiniões expressas nesta revista não representam necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando ou de qualquer outra agência governamental dos EUA. Certos artigos são escritos pela equipa da ADF, e os créditos para outros conteúdos são anotados conforme necessário. A secretaria de defesa determinou que a publicação desta revista é necessária para difundir assuntos de natureza pública exigidos por lei ao Departamento de Defesa.

‘Não Baixem A Guarda’

EAGHADIUNO



Dra. Mónica Juma é a secretária do governo para a defesa.

Ela proferiu este discurso às tropas quenianas que servem na Missão da União Africana na Somália (AMISOM), no dia 14 de Outubro de 2020, em comemoração do dia das Forças de Defesa do Quênia. O seu discurso foi editado para se adequar a este formato.



Tomo esta oportunidade para saudar os nossos soldados que foram destacados em várias bases de

operações avançadas da Somália, neste dia auspicioso, quando comemoramos o dia das Forças de Defesa do Quênia.

O dia 14 de Outubro é reservado para o Ministério de Defesa lembrar o sacrifício extremo que os vossos colegas pagaram na procura da Paz no nosso país vizinho, Somália.

Como vossa secretária de governo, eu estou profundamente grata pelo privilégio de poder dar orientação estratégica, trabalhar e estar associada com os homens e mulheres patrióticos e corajosos que garantem a segurança e a estabilidade do nosso país, que responderam a uma missão superior de defender a integridade e a soberania territoriais da nossa pátria e proteger as liberdades dos quenianos.

Desde que as Forças de Defesa do Quênia (KDF) entraram no teatro da Somália, as actividades do al-Shabab foram significativamente reduzidas e, embora este grupo terrorista continue a ser uma ameaça, a sua habilidade de operar foi severamente degradada.

As contribuições para a AMISOM continuam a ser preponderantes para isto, eu saúdo a cada um de vocês. Ao recordarmos a nossa jornada, apelo a cada um de vocês: não baixem a guarda.

O nosso sucesso de cada dia é fundamental para derrotar o al-Shabaab e restaurar a paz e a estabilidade dos nossos bairros. Uma Somália segura, capaz de garantir segurança aos seus territórios e proteger as suas fronteiras com os seus vizinhos, traduz-se numa África Oriental e num continente pacíficos.

A vossa habilidade de operar num ambiente difícil, longe das vossas famílias, é o testemunho do vosso amor incontornável pelo vosso país e o sentimento do dever pela paz e estabilidade da região e do mundo.

O vosso desempenho profissional continua a fazer com que o Quênia seja um país respeitado entre a comunidade das nações.

O lema do dia das Forças de Defesa do Quênia deste ano é “Assistência Civil Humanitária”, e é neste contexto que eu desejo elogiar-vos pelo apoio que vocês continuamente dão às comunidades da Somália, nas vossas áreas de operação.

Devemos continuar a promover o bem-estar das populações entre as quais vivemos — ofereçam-lhes apoio médico, água, formação; ajudem a construir escolas a equipá-las.

Isso é porque nós existimos para melhorar o ambiente das populações e criar um ambiente que possibilite as actividades produtivas.

Enquanto vocês continuam a manter-nos seguros em casa, eu apelo que

Soldados da AMISOM saúdam as crianças da aldeia de Kuday, depois de ela ter sido libertada do al-Shabaab. AMISOM

continuem a zelar um pelo outro nas áreas operacionais, a cada minuto do dia. Nada deixaria qualquer queniano mais orgulhoso do que a imagem que circulou durante o Ramadão, de um soldado das Forças de Defesa do Quênia, em pé, montando guarda, a proteger os seus irmãos que oravam, porque acreditamos na liberdade e na santidade da religião e adoração e estamos prontos para defendê-la.

As vossas famílias em casa também fazem igualmente um grande sacrifício, ao oferecer-vos para servirem a vossa pátria, Quênia. A elas eu digo muito obrigada; vocês fazem parte dos nossos esforços de trazer a paz.

O Ministério de Defesa está firme e irá continuar a apoiar as nossas operações. Nós somos o vosso apoio, por isso, avancem, filhos e filhas galantes do Quênia, para defender e proteger a República do Quênia e todos os seus cidadãos.

Não nos cansaremos de vos apoiar, fornecendo-vos a provisão necessária que fará com que o vosso trabalho seja cada vez mais fácil e eficiente.

Mais uma vez, obrigada pelo vossos serviços abnegados prestados à nossa pátria. Como o comandante-em-chefe sempre sublinha, o nosso país será sempre grato pelo vosso serviço leal.

CAÇADORES DE VÍRUS

Esquadrinham uma Floresta Gabonesa À Procura da Próxima Ameaça

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE



Um pesquisador recolhe morcegos retirados de dentro de uma caverna, na região de Zadié, no Gabão. AFP/GETTY IMAGES

Seis homens com fatos amarelos para protecção contra substâncias perigosas caminham no calor sufocante em direcção a uma caverna, no centro da floresta gabonesa. A sua missão: descobrir novos conhecimentos sobre como patogénicos como a COVID-19 saltam a barreira das espécies para os seres humanos.

Na caverna está o seu objectivo: uma colónia de morcegos.

“O nosso trabalho é de procurar por patogénicos que podem colocar os seres humanos em perigo e compreender como a transmissão acontece entre as espécies,” disse Gael Maganga, professor da Universidade de Franceville.

Os morcegos podem hospedar vírus que não os causam mal, mas podem ser perigosos para os seres humanos, muitas vezes, transmitindo-se por via de outros animais. A COVID-19 é o mais recente micróbio que se acredita ter usado o caminho zoonótico de animais para humanos.

Maganga chama a equipa para esticar uma rede na entrada da caverna. Um cientista avança focando com a sua lanterna para dentro. Os morcegos saem a voar e são capturados na rede.

Os membros da equipa utilizam zaragatoas esterilizadas para colher amostras dos morcegos, que depois serão analisadas para verificar a existência de

patogénicos emergentes.

“O comportamento humano, muitas vezes, é a causa de um vírus emergente,” disse Maganga. “Actualmente, com a pressão da população, a agricultura intensificada ou a caça, o contacto entre os humanos e os animais é cada vez mais frequente.”

Um relatório de Outubro de 2020, da Plataforma Intergovernamental Científico-Política sobre Biodiversidade e Serviços Ecosistémicos, refere que existem até 850.000 vírus nos animais. Setenta por cento das doenças emergentes circulam nos animais antes de passarem para os seres humanos e, a cada ano, cerca de cinco novas doenças eclodem entre os humanos, disse.

Maganga também descobriu várias estirpes de coronavírus que circulam entre os morcegos, incluindo alguns que são idênticos à COVID-19.

Apesar do risco óbvio, as pessoas ainda vêm para estas zonas para caçar antílopes, gazelas, macacos e morcegos.

Em Abril de 2020, o Gabão banuiu a venda de morcegos e de pangolins, outras espécies consideradas como sendo potenciais vectores da COVID-19. Mas, para muitos aldeões da região, a pobreza parece estar acima de qualquer perigo.

“Numa noite, posso ganhar o dinheiro de um mês,” disse Aristide Roux, um caçador de 43 anos de idade.

Activistas Camaroneses Celebram O FIM DE OFERTA DE ARMAS DE BRINQUEDOS

VOZ DA AMÉRICA

Grupos de defesa de direitos humanos e activistas camaroneses estão gratos pelo facto de que, pela primeira vez, desde 2016, os pais já não oferecem mais armas de brinquedo como ofertas às crianças e adolescentes durante as festas de fim do ano.

Em 2016, grupos de defesa de direitos humanos lançaram uma campanha para banir armas de brinquedo, na sua maioria, importadas da China, defendendo que elas incitam à violência.

Em vez disso, brinquedos educativos, como livros electrónicos de exercícios, podem ajudar as crianças a aprender o alfabeto e as palavras e não glorificar a violência. Essas ofertas substituíram brinquedos como armas, facas e veículos militares, que eram muito procurados e frequentemente oferecidos às crianças.

Durante a crise separatista anglófona dos Camarões e o terrorismo do Boko Haram, na fronteira do norte com a Nigéria, os grupos defensores dos direitos humanos começaram a apelar aos pais para não adquirirem armas de brinquedo para as crianças.

A activista e especialista em matérias de género, Irene Chinje, disse que as armas de brinquedo normalizam a violência.

“As crianças não sabem qual é a diferença entre aquilo ser uma arma de brinquedo e o significado que isso carrega,” disse. “Elas apenas vêem isso como um sinal de bravura para eles e, por isso, se puderem manusear uma arma de brinquedo, então, ficam encorajadas para futuramente manusearem uma arma verdadeira, com balas.”

Chinje e outras activistas estiveram a visitar os mercados para expressar a sua gratidão aos camaroneses por não adquirirem armas de brinquedo.

O começo de um novo ano é sempre amplamente celebrado nos Camarões, com os cristãos, muçulmanos e animistas a partilharem ofertas e a fazerem visitas de intercâmbio.



Armas de brinquedo têm sido ofertas populares durante as festas de final do ano. REUTERS

Aplicativo Ajuda Pescadores do Gana a Lutarem Contra Arrastões Ilegais

EQUIPA DA ADF

Agastados com o facto de os arrastões estrangeiros os privarem continuamente de alimentos e rendimentos, os pescadores artesanais do Gana estão a utilizar um novo aplicativo para smartphones a fim de detectar e denunciar a pesca ilegal.

Um pescador utiliza o aplicativo Dase para detectar e denunciar a pesca ilegal.

FUNDAÇÃO PARA A JUSTIÇA AMBIENTAL

O aplicativo chama-se Dase, que significa “provas” em Fante, uma língua local. Foi desenvolvido recentemente pela Fundação para a Justiça Ambiental, uma organização não-governamental que trabalha para combater a pesca ilegal, não declarada e não regulamentada na África Ocidental.

Mais de 100.000 pescadores e 11.000 canoas operam em Gana, de acordo com Steve Trent, director-executivo da fundação. O aplicativo também está a ser desenvolvido para ser utilizado na Libéria e na Serra Leoa.

No Gana, a “pesca marítima é a base de sustento de mais de 2,7 milhões de pessoas — quase 10% da população — e mais de 200 vilas costeiras dependem da pesca como a sua fonte primária de rendimento,” disse Trent à ADF num e-mail. “Contudo, as unidades populacionais de peixe estão a registar um declínio acentuado, impulsionado, na sua maioria, pela pesca ilegal generalizada praticada por arrastões industriais de proprietários chineses.”

Quando um arrastão é suspeito de praticar a pesca ilegal, um pescador artesanal pode abrir o aplicativo e fotografar a embarcação — incluindo o seu nome e número de identificação — para gravar a localização. O aplicativo faz o upload da denúncia numa base de dados que as autoridades podem utilizar para apanhar e penalizar os prevaricadores.

A fundação divulgou o aplicativo em Novembro de 2020 e pretende encorajar os pescadores artesanais a utilizá-lo de forma regular.

Nos passados 15 anos, os pescadores ganeses experimentaram uma queda de 40% no rendimento médio anual por canoa artesanal, de acordo com a fundação.

Frederick Bortey é um dos muitos pescadores ganeses que querem que o governo passe a banir os arrastões industriais ilegais. “Os meus filhos não estão a ter dinheiro para poderem ir à escola,” Bortey disse à Voz da América. “Por isso, é muito doloroso o facto de estarmos a falar sobre isso. Podem tentar expulsar essas pessoas por nós. Gostaríamos que isso acontecesse, para que possamos pescar, também, no nosso próprio país.”

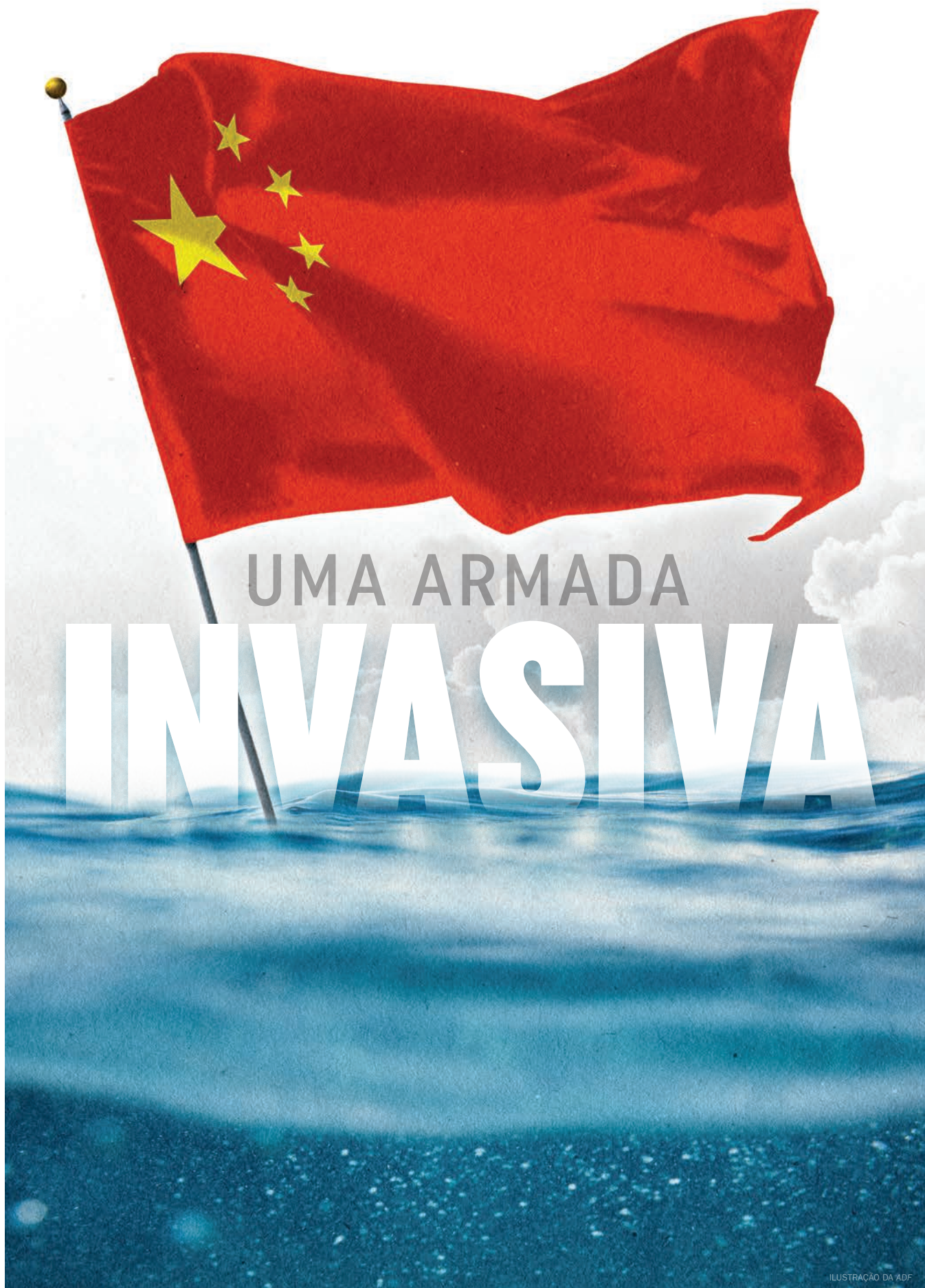


ILUSTRAÇÃO DA ADF

O ALCANCE DA FROTA DE PESCA EM ÁGUAS LONGÍNQUAS DA CHINA DESAFIA ÁFRICA NO MAR E NO CONTINENTE

EQUIPA DA ADF

A cidade de Nouadhibou, Mauritânia, prende-se ao continente numa península pequenina. A cidade, a segunda maior do país, tem aproximadamente 120.000 residentes e é um centro comercial.

O seu porto é a terminal da linha férrea da Mauritânia Railway, que abraça a fronteira com o Sahara Ocidental por mais de metade da sua extensão transnacional. Mas a ferrovia não é a maior infra-estrutura de desenvolvimento na cidade. Agora, Nouadhibou acolhe um extenso porto, financiado e modernizado por uma empresa chinesa, apenas um de uma série de projectos da Iniciativa do Cinturão e Rota (ICR) a emergir em África e em outros pontos do mundo.

O projecto é um exemplo claro de uma ligação entre a ICR da China e a sua frota de pesca em águas longínquas (PAL) e como essa ligação incorpora a influência marítima chinesa muito longe de casa, de acordo com um vídeo do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS). O trabalho do porto, financiado pela empresa Poly Hong Dong Fishery Co., da China, em mais de 100 milhões de dólares em investimento,

possui grandes embarcações industriais que podem recolher de forma significativa mais peixe do que as pequenas canoas de pesca artesanal daquela região.

Uma espécie de peixe, a sardinela, prevalece na região e é comum na dieta local. A grande capacidade das embarcações chinesas para capturar este peixe migrador da sua base na Mauritânia irá implicar em problemas para outros países africanos — Senegal, Gâmbia, Gana e Libéria — que também dependem dela para o emprego dos pescadores artesanais e para alimentar grandes estratos da sua população, comunicou o CSIS.

"Se não fizermos nada em relação a este problema, estamos realmente a lidar com um desafio a dois níveis," Dr. Whitley Saumweber, director do Projecto Stephenson para a Segurança dos Oceanos, disse num vídeo. "Estamos a lidar com o desafio dos Estados costeiros em vias de



O porto de Nouadhibou, Mauritânia, inclui fábricas de produção de farinha de peixe e 100 milhões de dólares em investimentos chineses. REUTERS



Quatro embarcações de pesca chinesas atracam ao largo da costa de Nouadhibou, na Mauritânia. REUTERS



Pescadores africanos a bordo de um barco chinês puxam a sua captura, ao largo da costa da Mauritânia. GREENPEACE

desenvolvimento, um desafio que afecta a sua soberania, sustentabilidade e segurança. A soberania, porque eles estão a perder o acesso às suas próprias riquezas naturais e o controlo sobre as mesmas. A sustentabilidade, porque eles estão a perder a habilidade de gerir esses recursos de uma forma sustentável. E a segurança, por causa do potencial dano que essa falta de gestão irá causar para um recurso que é de extrema importância para as suas próprias necessidades de segurança alimentar e para potenciais oportunidades de desenvolvimento."

O ALCANCE DA FROTA

As dimensões da PAL da China estão abertas ao debate, mas os mais conservadores estimam que tenha uma capacidade de aproximadamente 3.000 embarcações. De acordo com a China Dialogue Ocean, a frota, que beneficia de subsídios de combustíveis, estava a recolher até 2 milhões de toneladas métricas de peixe até finais de 2018. A enorme pesca garante comida para a população de 1,4 bilhões, da China, e a outra parte é moída e transformada em farinha de peixe para ser utilizada como ração para a aquacultura.

A PAL da China é uma ameaça particular para África, mas não se limita ao seu litoral. A frota já esgotou mares próximos da Coreia do Norte, em toda a Ásia e mesmo próximo da América do Sul. Ao longo de vários anos, percorreu as águas ao largo das 21 massas de terra vulcânicas que compreendem as ilhas Galápagos. O famoso arquipélago, localizado no Oceano Pacífico ao largo da costa do Equador, é o local de nascimento natural da evolução darwiniana.

Foi quando navegava no HMS Beagle que o jovem Charles Darwin preencheu os cadernos com as

observações das numerosas tartarugas e fringídeos que habitavam nas ilhas cristalinas.

Cerca de 185 anos mais tarde, as ilhas, mais uma vez, atraíram navios que transportam homens encantados pela vida selvagem. Mas estes não procuraram preencher os cadernos com apontamentos e observações. Em vez disso, encheram os porões de carga enferrujados e cheios de crostas de sal com quantidades de peixe e mariscos.

Em Julho de 2020, uma grande frota de embarcações chinesas — que num determinado momento chegava a alcançar um total de 350 — começou a saquear o mar numa zona que se encontra a apenas 200 milhas náuticas fora da zona económica exclusiva (ZEE) da cadeia de ilhas, antes de saírem em meados de Outubro. A presença não era nova nem surpreendente. Em Agosto de 2017, o navio frigorífico de bandeira chinesa, Fu Yuan Yu Leng 999, foi encontrado próximo das ilhas, com cerca de 300 toneladas de "espécies raras, quase extintas ou em vias de extinção, a bordo, incluindo 600 tubarões," de acordo com um artigo dos especialistas em matérias marítimas, Dra. Tabitha Mallory e Dr. Ian Ralby, do Centro de Segurança Marítima Internacional.

Uma presença chinesa próximo das ilhas pode ser rastreada até 2016, quando 191 embarcações começaram a aparecer fora da ZEE de Galápagos — até àquela detectada um ano atrás, de acordo com Mallory e Ralby. Eles escreveram que a presença da pesca da China próximo das ilhas aumentou para 298 embarcações, em 2019.

A presença da China nas águas que se encontram a aproximadamente 15.000 quilómetros da sua costa do Pacífico ilustra o desejo daquele país de cobrir o planeta procurando por mariscos para alimentar a sua população. Tendo já há muito tempo esgotado as unidades

// É DIFÍCIL SEQUER PENSAR NUMA CIDADE PORTUÁRIA DO GOLFO DA GUINÉ E DA COSTA OCIDENTAL DE ÁFRICA EM GERAL QUE NÃO APRESENTE ALGUM TIPO DE IMPRESSÃO DIGITAL DA CHINA."

— DR. IAN RALBY, PCA DA I.R. CONSILIUM

populacionais próximas, a PAL daquele país não se limita apenas ao Pacífico. Apesar das estimativas de cerca de 3.000 embarcações chinesas que actuam nos oceanos desde a Ásia até à América do Sul e desde o Este ao Oeste de África, um estudo feito pelo Instituto de Desenvolvimento Ultramarino colocou o número da PAL em perto de 17.000 barcos. Mas Mallory escreveu que a frota global provavelmente seja superior a 4.000 embarcações, uma vez que a maioria dos navios contados no estudo do instituto continua nos mares que se encontram próximos, perto da China.

Com esta armada vasta e altamente subsidiada vem a rede de mecanismos de apoio e infra-estruturas que aumentam ainda mais as frotas de pesca em todas as regiões marítimas. O porto de Nouadhibou é apenas um exemplo em África. "É difícil sequer pensar numa cidade portuária do Golfo da Guiné e da costa ocidental de África em geral que não apresente algum tipo de impressão digital da China," Ralby, PCA da I.R. Consilium, disse à ADF, num e-mail.

No sul da Mauritânia, no Golfo da Guiné, a China assinou, em 2018, um acordo de 50 milhões de dólares com o Gana para destruir e voltar a desenvolver a histórica aldeia de pesca de Jamestown, como um porto complexo moderno com ancoradouros,

esporões e quebra-mares, obras de defesa do litoral, assim como instalações de produção, administração e apoio, de acordo com a Agência de Notícias do Gana.

O projecto exigiu a dragagem de 118.000 metros cúbicos do porto e dos canais de navegação. Onde antes apenas canoas artesanais actuavam nas águas com redes, as embarcações maiores em pouco tempo poderão atracar e descarregar as suas enormes quantidades de pescado.

O projecto prejudicou a cultura costeira do Gana. A vila de pesca de Jamestown, onde um antigo farol ainda



Residentes observam enquanto equipamento pesado limpa entulho durante a demolição na aldeia de pesca de Jamestown, em Acra, Gana. AFP/GETTY IMAGES



O antigo farol é uma das poucas estruturas que irá sobrar depois de a aldeia de pesca de Jamestown ser demolida. AFP/GETTY IMAGES

existe, foi uma comunidade coesa onde as crianças passavam o tempo com brinquedos e bolas de futebol improvisados, enquanto os homens saíam em canoas antigas, feitas de madeira, para pescar. As mulheres defumavam e secavam o peixe sobre bases de concreto e pilavam o fufu — uma massa feita de mandioca — em almofarizes grandes com pilões.

A demolição começou em Maio de 2020, no enclave populacional mais denso e maioritariamente pobre, onde os trabalhadores locais construíram mais de 300 estruturas temporárias e permanentes, incluindo empresas, uma escola e igrejas, de acordo com a Voz da América. Espera-se que o projecto seja concluído no início de 2023.

As autoridades do Gana disseram à VOA que aqueles que perderam as suas propriedades seriam compensados e os que foram desalojados seriam realojados.

"Quando o porto de pescas for construído, irá melhorar a vida económica desta comunidade e isso é o que irá mudar as vidas de muitas pessoas na comunidade," disse Seth Raymond Tetteh, presidente da Assembleia Metropolitana de Acra, do conselho distrital de Asheidu Keteke Sub Metro.

A ICR está estreitamente ligada à PAL da China e é apenas um dos canais do programa de infra-estruturas para transportar uma variedade de recursos — incluindo recursos pesqueiros — saindo das economias dos países para a economia chinesa. Resumindo, disse Ralby, o trabalho da China de construir portos faz parte

da sua estratégia da ICR e da sua "estratégia geral de influência global."

O investimento chinês, que, muitas vezes, deixa os países africanos mergulhados em dívidas, traz consigo um sentimento de direito e vantagem. "Penso que o plano da China de construir o porto essencialmente tem a ver com comprar uma base de apoio e comprar acesso através de uma presença marítima global," disse Ralby.

SEGURANÇA E INTIMIDAÇÃO

Enquanto a tentativa da China de alcançar a hegemonia se expande além das suas fronteiras marítimas e da região marítima do Sul da China, observadores também notam o aumento de evidências de uma PAL militarizada, protegida e avançada pela presença da Milícia Marítima das Forças Armadas Populares. Por vezes, navega em barcos de pesca enferrujados e acrescenta uma nota de intimidação àqueles que ousam desafiar o novo alcance imperialista da China. Tais táticas militares primariamente são vistas no Mar do Sul da China e próximo do Pacífico, disse Ralby, e ilustram o desejo da China de envolver todos os elementos da sociedade na sua estratégia global.

"Isso significa que quer seja militarizada, nacionalizada em alguns aspectos ou altamente financiada pelo governo através de subsídios, as frotas de pesca tendem a acabar por ser um braço do Estado chinês," disse Ralby. "E, no que diz respeito à pesca ilegal, é cada vez mais difícil



A Marinha do Equador apreendeu a embarcação de bandeira chinesa, Fu Yuan Yu Leng 999, em Agosto de 2017, depois de esta ter sido encontrada na Reserva Marinha de Galápagos a transportar 300 toneladas de peixe, incluindo várias espécies em vias de extinção como o tubarão-martelo. AFP/GETTY IMAGES

OS NÚMEROS GLOBAIS DA PESCA CHINESA



1,4 BILHÕES

POPULAÇÃO DA CHINA



38%

QUOTA DA PRODUÇÃO
GLOBAL DE PEIXE CONSUMIDO
PELOS CHINESES



37,8 QUILOGRAMAS

PEIXE E MARISCOS
CONSUMIDO POR PESSOA,
POR ANO NA CHINA



3.000

NÚMERO ESTIMADO
DE EMBARCAÇÕES DA
FROTA DE PESCA EM ÁGUAS
LONGÍNQUAS DA CHINA



**7,2 BILHÕES
DE DÓLARES**

SUBSÍDIOS DE PESCA
DA CHINA PAGOS EM 2018

Fontes: The World Factbook, Dra. Tabitha Mallory, Foreign Policy, ScienceDirect.com

discernir onde o estatal termina e o criminal começa. Essa linha desfocada é um grande desafio. E sob o ponto de vista de segurança, também significa que, através das suas frotas de pesca, a China tem olhos e ouvidos nas águas cujos conhecimentos e presença podem ajudar a facilitar um amplo espectro de atividades."

Este problema é ilustrado pelas incursões junto das Ilhas Natuna, da Indonésia, onde as embarcações da Guarda Costeira da China acompanharam os arrastões de pesca chineses para entrar na ZEE da Indonésia a fim de pescar. O governo chinês admitiu que os seus barcos tinham entrado na ZEE, em Dezembro de 2019, mas reivindicou "direitos tradicionais de pesca" não especificados e "direitos marítimos" na região, de acordo com a The Diplomat, uma revista online.



Um navio do Ministério de Assuntos Marítimos e das Pescas da Indonésia faz a patrulha do Mar do Sul da China, próximo das Ilhas Natuna. Embarcações chinesas desafiaram a soberania da Indonésia na sua zona económica exclusiva, que coincide com aquilo que a China chama de "locais tradicionais de pesca." GETTY IMAGES

"Esta pesca ilegal protegida pelo Estado significa que pelo menos uma parte da pesca ilegal está a ser feita com as cores da legitimidade chinesa e que os Estados onde ela ocorre estão a ser obrigados a confrontar não apenas os criminosos, mas também o governo chinês, de modo a impedi-la," disse Ralby à ADF.

Embora tal mão forte ainda não esteja a acontecer na África Ocidental, a China utiliza pressão comercial e diplomática em apoio a certas práticas ilícitas e insustentáveis, disse Ralby. Exemplos recentes mostram que, se uma embarcação chinesa ficar envolvida em qualquer incidente — como ser apreendida por violações de pesca ou vitimizada por piratas —, o adido da defesa chinesa e o embaixador posicionado naquele país africano estarão no gabinete do ministro do governo relevante "em poucos minutos."

"A velocidade com que o governo fica activamente envolvido é bastante surpreendente," disse Ralby. □

PROTEGENDO O 'SEGUNDO PULMÃO' DA TERRA



**Madeireiros Ilegais, Indústrias e Práticas Agrícolas
Ultrapassadas Ameaçam a Bacia do Congo**

EQUIPA DA ADF

ILUSTRAÇÃO DA ADF



A floresta tropical da Bacia do Congo é enorme, ficando atrás somente da Amazônia. Ela estende-se por seis países, mas o seu tamanho está a reduzir.

A bacia acolhe inúmeras espécies de plantas e de animais. Também é fundamental para a saúde não apenas de África, mas também do mundo inteiro, porque ela absorve o dióxido de carbono da atmosfera.

A desflorestação na Bacia do Congo está muito mais acentuada em relação aos últimos anos. Aproximadamente toda a floresta primária perdida na bacia nos passados 15 anos encontra-se na República Democrática do Congo (RDC). Mesmo assim, comparada às florestas tropicais da Ásia e da América do Sul, a Bacia do Congo continua relativamente forte, de acordo com a página ambiental da internet, inhabitate.com.

A maior ameaça para a Bacia do Congo é a pobreza. O abate de árvores na bacia para a produção de carvão e para a plantação de culturas de rendimento continua a ser uma das poucas oportunidades para os pobres das zonas rurais ganharem a vida. Mas esse tipo de agricultura e de abate é amplamente ineficiente. A maior parte da região não possui electricidade e, sem ela, a comida não pode ser armazenada ou processada, não se pode

abrir empresas, e sectores fundamentais como saúde e educação não podem desenvolver.

O abate ilegal de madeira também assola a região. A RDC está bem ciente do problema e estabeleceu um código florestal para o abate seguro da madeira. Mas na RDC, assim como na África Subsaariana, não se exige o cumprimento do código. Os funcionários são subornados para fazerem vista grossa enquanto os madeireiros abatem as árvores, especialmente árvores de pau-rosa e as enviam para a China para serem utilizadas em mobília de alta qualidade, de fabrico artesanal.

Os mercadores chineses abateram as árvores em vias de extinção virtualmente em todos os países africanos que as têm. Poderia ser pior. Muitas florestas africanas têm sido poupadas pelo abate ilegal de madeira porque a infra-estrutura é tão pobre que, para se retirar a madeira de lá, fica tão dispendioso. Este não é o caso nas vastas partes da RDC, porque o Rio Congo é um meio de transporte tão bom.

Importante para a Saúde Mundial

Às vezes, reconhecida como o “segundo pulmão” do mundo, a Bacia do Congo é extremamente importante para um ambiente saudável.



Homens carregam troncos de pau-rosa recentemente cortados para um camião, em Fintonia, norte da Serra Leoa. REUTERS



Membros da equipa trabalham num camião de transporte de madeira, na República Democrática do Congo. A exploração ilegal de madeira ameaça a conservação na província do Kivu do Norte. AFP/GETTY IMAGES

“Sendo o maior armazém da biodiversidade, ela presta um grande serviço a toda a humanidade,” Simon Lewis, geógrafo da University College London, disse à BBC. Ele tem estado a fazer trabalho de campo na Bacia do Congo desde 2002.

“A floresta tropical intacta da Bacia do Congo, que até agora sofreu menos desflorestamento e demonstrou ter mais resiliência ao clima do que a Amazônia, desempenha um papel muito importante,” disse.

Na sua pesquisa, Lewis descobriu que as secas cada vez mais comuns estão a reduzir a capacidade da floresta tropical de absorver dióxido de carbono. O seu estudo analisou 135.625 árvores em 244 terrenos africanos de 11 países. Ele descobriu que as árvores da Bacia do Congo, cujo crescimento estava a ser sufocado por causa das temperaturas extremas, começaram a perder a sua capacidade de absorver o dióxido de carbono, desde o início de 2010.

Enquanto as árvores da Bacia do Congo se tornam incapazes de absorver o dióxido de carbono, o número de árvores da floresta tropical também está a diminuir. As indústrias como a de exploração de madeira, as plantações de óleo de palma e a indústria mineira estão a contribuir para a desflorestação, concluiu Lewis.

2020 trouxe uma grande esperança para a acção colectiva para salvar as florestas tropicais. Os líderes mundiais planearam reunir e avaliar o progresso dos passados 10 anos e estabelecer agendas do clima e da biodiversidade para a próxima década.

Escrevendo para a Mongabay, uma plataforma sem fins lucrativos de notícias sobre conservação e ciências ambientais, o fundador, Rhett A. Butler, disse que existiam bons motivos para optimismo. O calor e as secas do mundo estavam a tornar-se tão aparentes que finalmente

começavam a provocar uma resposta do sector público e privado, disse. Os avanços tecnológicos estavam a melhorar a monitoria das florestas a ponto de a ignorância não ser mais uma desculpa para a não tomada de medidas. O interesse em restaurar as florestas estava a alcançar novos patamares.

Mas, disse ele, a COVID-19 mudou tudo. Enquanto os governos injectavam dinheiro para apoiar os sistemas financeiros, isso resultou numa elevada demanda de mercadorias como madeira de lei.

“Alguns governos primaram por medidas de emergência, pacotes de estímulos económicos e outros incentivos para as indústrias de destruição de florestas,” escreveu Butler. “Milhares de pessoas deixaram as cidades e foram para o campo, invertendo uma tendência de longa data de migração para as zonas urbanas.”

A RDC representa 60% da cobertura de floresta primária da Bacia do Congo e aproximadamente 80% dela está perdida. Butler afirmou que o país pode ser visto como um indicador de tendências para toda a região.

Em Janeiro de 2020, a RDC providenciou nove concessões florestais, cobrindo mais de 2 milhões de hectares para duas empresas chinesas, e os ambientalistas afirmam que violaram as moratórias nacionais com esses novos contratos.

Não é apenas a RDC. O Gabão historicamente já teve uma baixa taxa de desflorestação. Mas o Conselho de Administração de Florestas está a investigar se o gigante da agricultura baseado na Singapura, Olam, foi responsável pelo desflorestamento de 25.000 hectares no Gabão para desenvolver plantações de óleo de palma, contrariando as normas de sustentabilidade com as quais ela concordou. A empresa também é acusada de desflorestação para dar lugar a plantações de borracha.

Sobre a Bacia do Congo

EQUIPA DA ADF

- A Bacia do Congo possui **314 milhões de hectares** de floresta tropical primária, a mais antiga, mais densa e mais ecologicamente significativa do seu género. A Amazónia possui **519 milhões de hectares** de floresta primária.
- A floresta tropical do Congo desempenha um papel crucial na estabilidade do clima do mundo e estende-se ao longo de seis países da África Central: Camarões, República Centro-Africana, República Democrática do Congo, Guiné-Equatorial, Gabão e a República do Congo, de acordo com o World Wide Fund for Nature, uma organização não-governamental internacional que actua nas áreas da conservação, investigação e recuperação ambiental.
- Mais altas e mais resilientes às temperaturas do que a floresta da Amazónia, as árvores da Bacia do Congo absorvem até **1,2 bilhões de toneladas** de dióxido de carbono por ano e armazenam um terço a mais do dióxido de carbono na mesma área do que as da Amazónia.
- Existem mais espécies de árvores num hectare na floresta tropical da Bacia do Congo do que as espécies de árvores nativas do Reino Unido.
- A Bacia do Congo acolhe as terras turfosas tropicais mais extensas, cerca de **10.000 espécies** de plantas tropicais e espécies em perigo de extinção que podem ser encontradas em nenhum outro lugar. Elefantes das florestas, gorilas das terras baixas e das montanhas e ocapis, mamíferos que foram descritos como sendo um cruzamento entre uma girafa e uma zebra, têm a bacia como seu habitat.



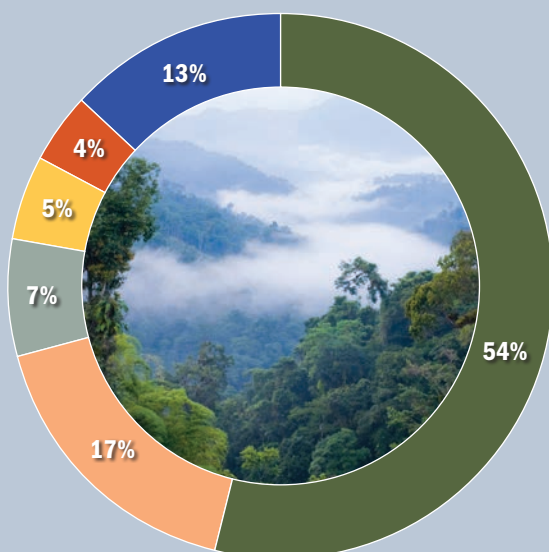
Fonte: World Wide Fund for Nature
ILUSTRAÇÃO DA ADF

- De 2001 a 2018, **6%** da floresta tropical da Bacia do Congo foi abatida.
- Dados de satélite mostram que a desflorestação da floresta tropical primária tem a tendência de aumentar no mundo inteiro desde o ano de 2000, com uma média de perda na década de 2010 de aproximadamente **30%** superior a de 2000, apesar do trabalho para conter a desflorestação.



Estado das Florestas Tropicais

Quota da floresta primária

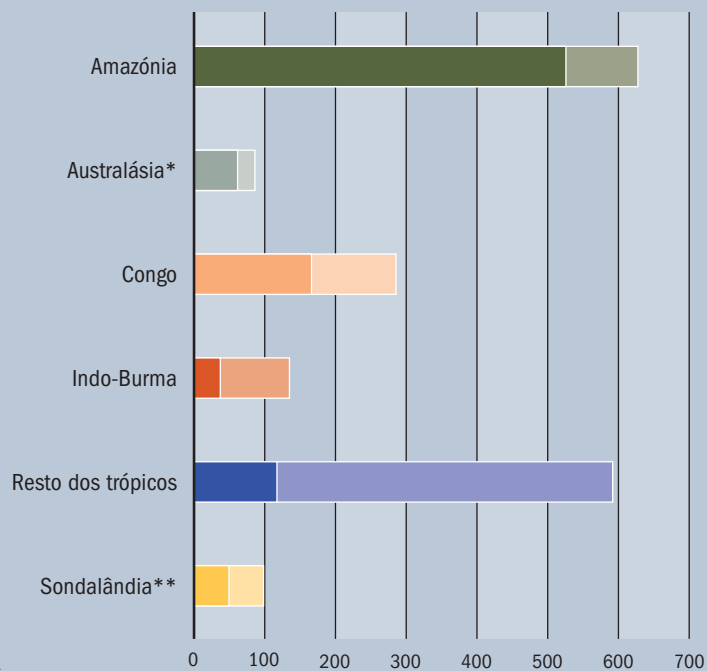


■ Amazônia ■ Australásia* ■ Congo
■ Indo-Burma ■ Resto dos trópicos ■ Sondalândia **

*Australásia: Nova Guiné, nordeste da Austrália e ilhas circunvizinhas
 **Sondalândia: Malásia Peninsular, Sumatra, Java, Bornéu e ilhas circunvizinhas

Extensão de florestas primárias e cobertura de árvores

(milhares de hectares)



Tonalidade mais escura = florestas primárias;
 tonalidade mais clara = outras coberturas de árvores

Fonte: Mongabay.com



REUTERS



REUTERS

“Alguns governos primaram por medidas de emergência, pacotes de estímulos económicos e outros incentivos para as indústrias de destruição de florestas. Milhares de pessoas deixaram as cidades e foram para o campo, invertendo uma tendência de longa data.”

~ Rhett A. Butler, fundador da Mongabay

Tarefa Difícil

Existe um consenso quanto a certos factos básicos relacionados com a desflorestação e sobre o que pode ser feito para revertê-la:

Ela não é um problema africano; é um problema global. A Amazónia perfaz mais de metade das florestas tropicais do mundo e a Bacia do Congo totaliza 17%. As restantes florestas tropicais do mundo encontram-se espalhadas pelos trópicos, particularmente na Ásia. Não será suficiente salvar apenas a Bacia do Congo; outros países com florestas tropicais terão de fazer a sua parte.

As práticas de agricultura precisam de ser modernizadas. Na falta de acesso a maquinarias e fertilizantes, os camponeses têm de fazer uso de rotação de culturas, melhorar as técnicas de irrigação e descobrir melhores fontes para obter sementes. Através de smartphones, eles podem obter ideias sobre o plantio junto de especialistas. Eles precisarão de descobrir formas sustentáveis e acessíveis para controlar as ervas daninhas e as pestes.

Iniciar a exigência do cumprimento das normas e das leis que proíbem a exploração ilegal de madeira. Virtualmente todas as partes da África Subsaariana assoladas pelo abate ilegal de pau-rosa já possuem leis para prevenir esta prática. Mas enquanto os madeireiros, geralmente apoiados por empresas chinesas, continuarem a subornar os funcionários, a exploração desenfreada irá continuar.

Iniciar programas agressivos de plantio de árvores na Bacia do Congo. O replantio requer incentivos. Os pesquisadores do Centro Mundial de Sistemas Agro-florestais fizeram um inquérito com agricultores da África Ocidental e descobriram que eles preferem plantar árvores de frutas indígenas. A Global Forest Atlas observa que “Uma componente importante do agroflorestamento na Bacia do Congo é seleccionar as fruteiras que podem produzir altos rendimentos. A maior parte desta selecção é feita através de um processo conhecido por domesticação preparatória, onde os pesquisadores trabalham com a comunidade para seleccionar as variedades e adaptá-las ao uso local.” □

Evasão de Capitais,

RIQUEZA ROUBADA

O antigo sistema chinês de feiqian, muitas vezes, está associado ao contrabando

— EQUIPA DA ADF —

As autoridades fiscais da Namíbia fizeram uma descoberta chocante em 2017. Milhares de dólares estavam a sair do país para a China, mas apenas uma fracção era tributada.

O esquema foi descoberto quando o comerciante chinês Jack Huang foi preso sob acusações de fraude fiscal, e as autoridades descobriram que ele fazia parte de algo muito maior. Entre 2013 e 2016, Huang, que operava uma empresa de desalfandegamento, tinha importado bens com um valor declarado de 14,3 milhões de dólares. O verdadeiro valor dos bens era mais de 10 vezes maior. Durante o mesmo período, ele enviou 209 milhões de dólares para China para pagar pelos bens.

A fraude impediu que milhões em impostos entrassem nos cofres do governo da Namíbia.

Quando as autoridades investigaram mais a fundo, descobriram que o sistema envolvia a subnotificação do valor dos contentores de envio e dos bens transportados pelo mundo, sem deixar rastros em formato de papel. Isso fazia parte de um sistema conhecido como *feiqian*, ou “dinheiro voador,” que, durante séculos, ajudou a esconder o movimento de itens como minérios, partes de animais selvagens e madeira.





Pessoas fazem compras em Windhoek, no bairro Chinatown, Namíbia. As autoridades do país estão a envidar esforços para conter o processo de evasão fiscal e o branqueamento de capitais, conhecido como feiqian, usado por muitas empresas chinesas em África. AFP/GETTY IMAGES

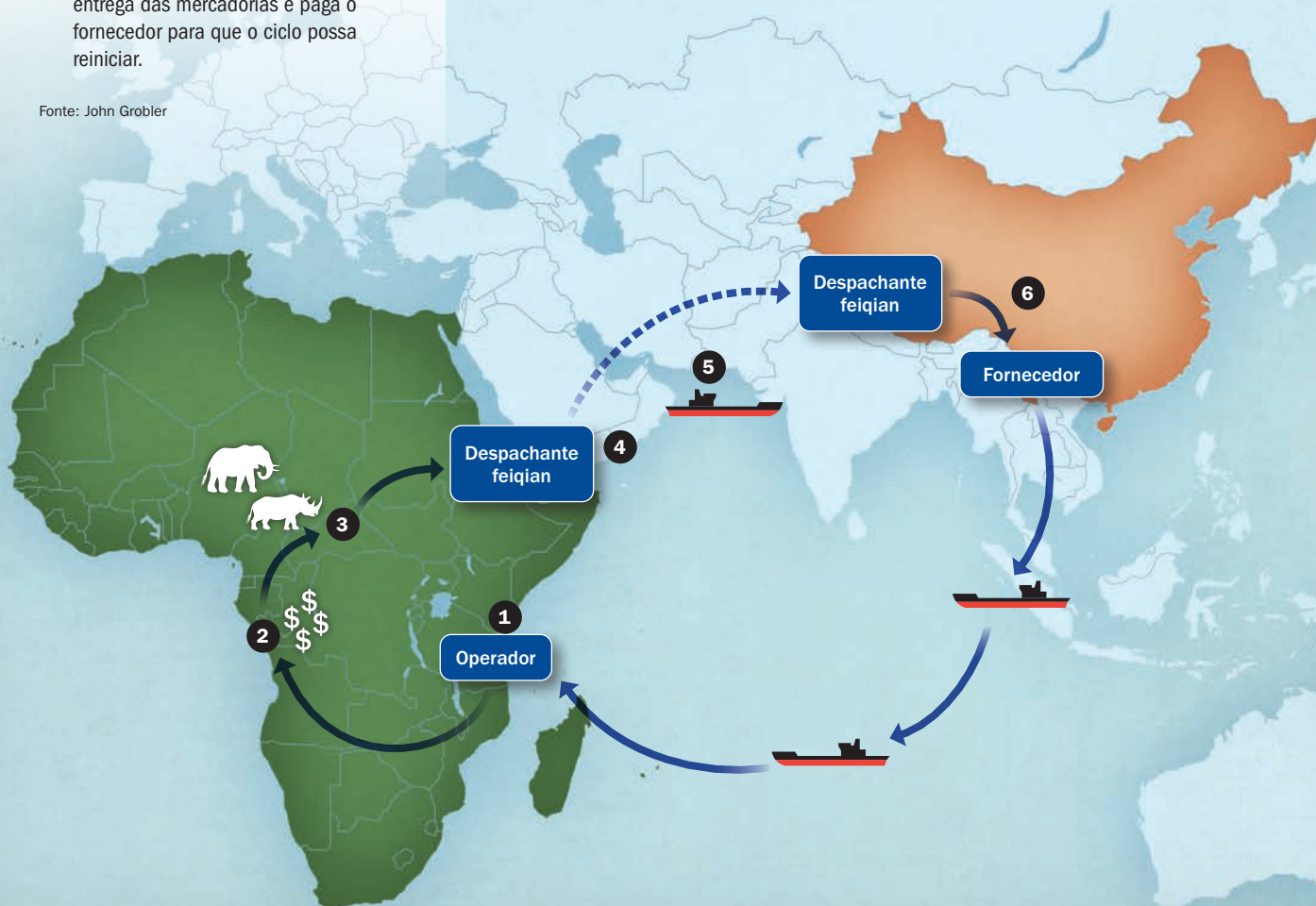
O Ciclo do Feiqian

1. As mercadorias são importadas num porto africano e declaradas a 20% do seu valor real.
2. Os produtos são vendidos para gerar dinheiro vivo. O rendimento não é declarado às autoridades fiscais locais.
3. O dinheiro é utilizado para comprar contrabando como marfim, abalone, pedras preciosas ou chifres de rinoceronte.
4. O contrabando é enviado para China.
5. Os contentores que transportam o contrabando passam por vários pontos de transbordo e as notas de desembarque são alteradas várias vezes durante o trajecto.
6. O despachante do feiqian leva a entrega das mercadorias e paga o fornecedor para que o ciclo possa reiniciar.

Fonte: John Grobler



O marfim e outro contrabando encontram-se entre as mercadorias ilícitas exportadas num sistema conhecido como feiqian, que evita o pagamento de impostos e esconde os carregamentos dos produtos contrabandeados. REUTERS



Fonte: John Grobler

Um navio porta-contentores navega em direcção ao porto de Walvis Bay, Namíbia. O país procura acabar com o tráfico e com a fuga ao fisco dos comerciantes estrangeiros.



A Namíbia acolhe mais de 7.000 comerciantes chineses e outros comerciantes estrangeiros que trabalham na base do auto-emprego e tem dificuldades para monitorar a actividade comercial e fazer cumprir as suas leis financeiras. O âmbito da fraude levou a que um exasperado Inspector-Geral da Namíbia, Sebastian Ndeitunga, declarasse que “não haverá misericórdia” e “não deixaremos nada impune.”

Mas o feiqian é difícil de policiar. O jornalista namibiano, John Grobler, passou um ano a investigar este fenómeno e descobriu que rastrear o dinheiro é como perseguir um fantasma. O segredo é que a maior parte da moeda nunca sai da China — apenas as mercadorias são trocadas.

“É um sistema de comércio invisível e sem impostos que deu às empresas chinesas uma vantagem no sector da construção em África, o rendimento que não pode ser rastreado utilizado para apresentar propostas mais baixas que os competidores locais e ‘molhar a mão’ para ganhar contratos,” escreveu Grobler para a organização de jornalismo ambiental, Oxpeckers.

Como o Esquema Funciona

O feiqian começou há mais de 1.200 anos na dinastia Tang, da China. Na sua essência, é um sistema de pagamento baseado na confiança e nos relacionamentos.

Grobler disse que é semelhante ao sistema de remessa, conhecido como *hawala*, utilizado na maior parte do mundo islâmico. Neste sistema, as pessoas que vivem fora enviam dinheiro de volta para a sua terra natal através de um agente de confiança que entrega o dinheiro em troca de uma taxa.

O feiqian utiliza o mesmo tipo de pagamentos baseado na confiança e sem registo, mas que podem ser muito mais complexos. No sistema feiqian, os bens são importados com a ajuda de um despachante chinês e declarados numa fracção pequena do seu verdadeiro valor. Estas mercadorias, que, muitas vezes, são materiais de construção, são posteriormente vendidas para gerar moeda. A moeda é utilizada para comprar bens ilícitos como partes de

animais selvagens ou madeira ilegal. Aqueles bens são secretamente enviados de volta para China e o despachante é reembolsado, recebendo estas mercadorias ilícitas de grande valor.

É uma rota de comércio circular que não tem necessidade de bancos ou instituições tradicionais.

“É como defraudar sistematicamente as autoridades em ambos os lados do lago,” Grobler disse à ADF. “Como é algo baseado no comércio, eles podem manipular os números e nenhuma destas acções decorre através de canais convencionais. ... É apenas entre um comerciante local e o seu fornecedor na China. Não é possível ver; não é visível em nenhum lugar.”

Grobler disse que os proprietários de lojas chineses e os comerciantes da Namíbia quase todos operam num sistema de “apenas dinheiro vivo.” Eles não produzem facturas nem oferecem recibos aos clientes. Isso faz com que seja extremamente difícil para as autoridades locais exigirem o cumprimento das políticas fiscais.

Depois da prisão de Huang, o Ministro das Finanças da Namíbia, Calle Schlettwein, prometeu que iria acabar com esta prática. Ele insistiu que os estrangeiros não devem ser capazes de contornar as leis nacionais através de empresas “fantasma” e jogos de engano. “O nosso sistema não está baseado na nacionalidade mas sim na fonte do rendimento,” disse Schlettwein. “Todo o rendimento recebido ou considerado como tendo sido originado de uma fonte namibiana é tributado na Namíbia.”

Perfeito para Mercadorias Ilícitas

Para o feiqian funcionar, as mercadorias enviadas de volta para China devem ser valiosas, que não se podem rastrear e possíveis de dividir em pequenas unidades. Alguns dos itens preferidos são marfim, chifres de rinoceronte, pau-rosa, pedras preciosas e plantas suculentas.

A chave é que as mercadorias podem ser espalhadas pelo mercado negro para servirem de pagamento a várias pessoas.

“O que faz com que esta forma de feiqian seja tão adequada para o contrabando é que o produto



Sinais de Alerta

Maior consciência dos sinais de alerta ou sinais vermelhos associadas ao tráfico internacional de produtos provenientes da fauna bravia pode ajudar os países a fazerem cumprir as suas leis.

Alguns destes sinais de alerta são:

- **Empresas “fantasma”:** Estas, muitas vezes, são empresas de comércio, criadas por pessoas de nacionalidade estrangeira e registadas com endereços residenciais.
- **Exportações de mercadorias com valor inferior:** As empresas que exportam mercadorias como conchas, granulados de plástico ou feijão podem estar a utilizar as exportações para esconder partes de produtos ilícitos provenientes da fauna bravia, como o marfim.
- **Rotas sinuosas:** Os carregamentos que seguem rotas indirectas ou ineficientes, incluindo paragens em múltiplos portos de trânsito, podem ser um sinal de que o navio está a tentar evitar ser rastreado.
- **Mudanças nas notas de desembarque:** Uma nota de desembarque é um documento que acompanha um carregamento e que deve ser assinado pelo transportador, pelo expedidor e pelo receptor dos bens. No tráfico ilícito, várias alterações nas notas de desembarque podem ser usadas enquanto um contentor está de passagem. Isso pode incluir a mudança de proprietário antes de o contentor chegar ao seu destino. Também pode fazer com que o rastreamento seja mais difícil.
- **Grandes levantamentos:** Levantamentos frequentes de dólares americanos das casas de câmbio pertencentes a chineses, particularmente aquelas que operam em lugares onde haja muito tráfico de produtos provenientes da fauna bravia, pode ser um sinal de comércio ilegal.

Fonte: Agência de Investigação Ambiental



— contrabandeado — é fungível,” escreveu Grobler. “Cada quilograma de chifre de rinoceronte, marfim, abalone e barbatana de tubarão ou touros de madeira pode ser dividido em partes menores, que são mais fáceis de comercializar.”

Um exemplo vívido de feiqian é o comércio ilícito multimilionário de abalone na África do Sul. Este caracol do mar é considerado uma iguaria e procurado pelos restaurantes chineses pelo seu sabor amanteigado. Para poder satisfazer a esta procura, uma cadeia ilícita de fornecimento de abalone foi desenvolvida, envolvendo o envio de materiais através de empresas “fantasma” da África do Sul e transformando aquele material em numerário, que é utilizado para pagar os mergulhadores, para colherem o abalone, e os contrabandistas, para transportá-lo. Muitos destes operadores locais recebem pagamentos em drogas ilícitas ou em produtos químicos para fazer drogas.

De acordo com a organização não-governamental TRAFFIC, 96 milhões de conchas de abalone foram colhidas de forma ilegal das águas da África do Sul durante 10 anos, até ao ano de 2016. O comércio, que, muitas vezes, é gerido por sindicatos do crime organizado chineses, alimenta a violência e os vícios pelas drogas nas cidades da África do Sul.

Kimon de Greef, jornalista investigativo sul-africano, disse que o comércio de abalone tinha crescido para se tornar numa “economia imensa, paralela, subterrânea, multimilionária e criminalizada do rand” em que os pobres das comunidades de pescadores são obrigados a trabalhar.

Será que se Pode Acabar com Esta Prática?

Para os países com recursos limitados, rastrear e acabar com os crimes financeiros é um desafio. O Escritório das Nações Unidas contra a Droga e o Crime (UNODC) estimou que os países africanos perdem 88,6 bilhões de dólares



Conchas de abalone



Rinoceronte-branco, Namíbia

“O que faz com que esta forma de feiqian seja tão adequada para o contrabando é que o produto — contrabandeado — é fungível. Cada quilograma de chifre de rinoceronte, marfim, abalone e barbatana de tubarão ou touros de madeira pode ser dividido em partes menores, que são mais fáceis de comercializar.” ~ John Grobler, jornalista namibiano

anualmente devido à evasão de capitais. Aquele total é quase o mesmo que todo o dinheiro das ajudas financeiras e do investimento estrangeiro directo de todo o continente. Acabar com este fluxo ilícito seria um enorme benefício económico para os países e os ajudaria a proteger os recursos naturais de capital importância.

“É necessário que todos os países, os nossos parceiros em África assim como os países de trânsito e de destino se juntem a esta luta,” disse Ghada Fathi Waly, directora-executiva do UNODC.

O UNODC está a trabalhar com 17 países africanos para desenvolver uma rede de recuperação de activos, que os ajudará a capturar dinheiro contrabandeado, combater o crime organizado e parar com a lavagem de dinheiro utilizado para financiar o crime e o terrorismo. A rede permite que os membros troquem informação e aprendam sobre a legislação eficaz para combater estes crimes.

“Fluxos financeiros ilícitos estão a drenar os rendimentos vitais de África, a colocar em perigo a estabilidade e a impedir o progresso para um desenvolvimento sustentável,” disse Waly.

Num relatório de 2020, a Agência de Investigação Ambiental (EIA) descobriu que muitos países não investigam nem processam o tráfico de produtos da fauna bravia como um crime financeiro. Os traficantes são punidos nos

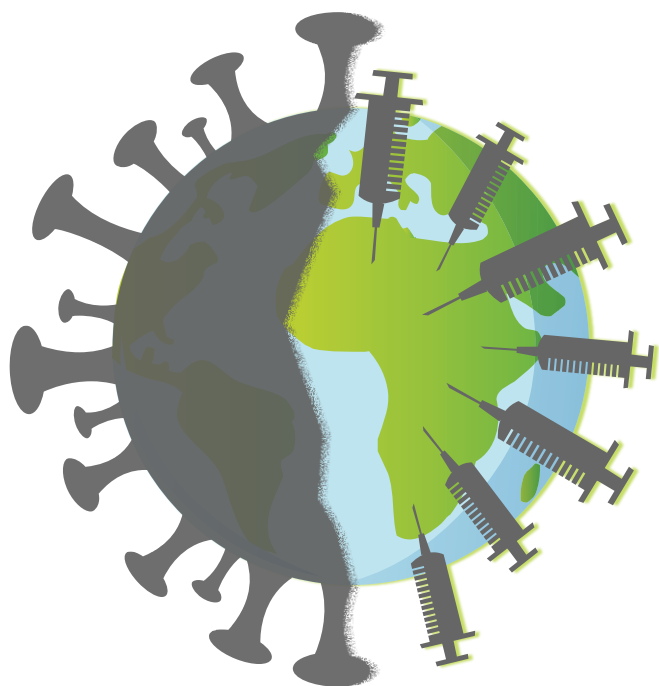
termos da lei de protecção da fauna bravia embora as leis de branqueamento de capitais tenham penas mais severas.

Quando os países não possuem a capacidade de seguir o dinheiro, os chefes dos sindicatos escapam da condenação e podem continuar com os seus crimes.

“Quando alguém é preso, geralmente se trata de um transportador de baixa categoria,” comunicou a EIA. “Uma apreensão de múltiplas toneladas, que, se for investigada a partir de uma perspectiva financeira pode produzir provas e ideias importantes, torna-se meramente uma despesa de negócios para os traficantes envolvidos.”

Por sua vez, a Namíbia acredita que deu grandes passos contra o tráfico ilegal. Depois de uma proibição de exportação de madeira, o país reautorizou a exportação de pau-rosa e outras madeiras em 2020, mediante orientações rigorosas. O país também modernizou os seus programas das alfândegas, acrescentando mais scanners e tecnologia para rastrear e inspecionar os contentores que chegam ao Porto de Walvis Bay. Os funcionários das alfândegas passaram por formação para identificar o contrabando de produtos provenientes da fauna bravia. Entretanto, ainda continua a ser um mistério como os traficantes se irão adaptar e tentar evitar estas restrições.

“É tão difícil investigar algo que, a princípio, devia ser invisível,” disse Grobler. □



COVAX

DISTRIBUI VACINAS EM ÁFRICA

TEXTO DA EQUIPA DA ADF | FOTOS DA AFP/GETTY IMAGES

Um plano global de distribuição equitativa das vacinas está a disponibilizar gratuitamente milhares de doses no continente.





Trabalhadores descarregam uma caixa de vacinas entregues ao Ruanda através do plano de distribuição da COVAX.

Mais de 20 países africanos começaram a administrar gratuitamente milhares de vacinas contra a COVID-19, através da COVAX, o plano global para a distribuição equitativa das doses.

Na implementação inicial de Março de 2021, políticos proeminentes, pessoal de segurança e profissionais de saúde da linha da frente estiveram entre os que receberam a vacina em primeiro lugar. Os Estados Unidos comprometeram-se em canalizar 4 bilhões de dólares para apoiar a COVAX.

No Gana, o presidente Nana Akufo-Addo e a primeira-dama, Rebecca Akufo-Addo, receberam duas das primeiras doses.

“É importante que eu seja um exemplo de que esta vacina é segura sendo o primeiro a recebê-la para que todos em Gana se possam sentir confortáveis em receber esta vacina,” disse Akufo-Addo, durante uma transmissão, em directo.

Liderada pelas Nações Unidas, a COVAX faz parte do Acelerador de Acesso às Ferramentas da COVID-19, lançada em Abril de 2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a Comissão Europeia e a França. A COVAX negocia os preços para garantir o acesso equitativo a vacinas, diagnósticos e tratamentos da COVID-19, independentemente da riqueza de cada país.

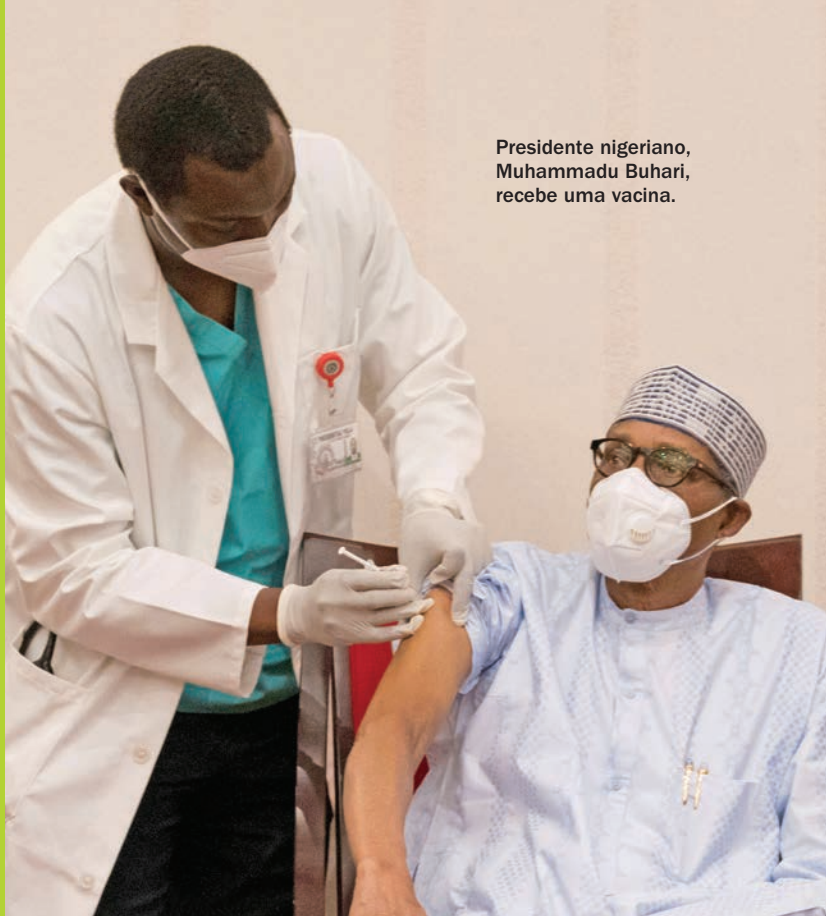
O programa visa distribuir 2 bilhões de doses da vacina da AstraZeneca em todo o mundo até finais de 2021. Daquele total, 600 milhões de doses estão destinadas para países africanos, o suficiente para vacinar 20% da população do continente, de acordo com a OMS.

As vacinas são alocadas a todos os países de forma igual, depois de cada um deles concluir uma avaliação de prontidão para a vacina. A distribuição tem o apoio da Gavi, a Aliança das Vacinas, e da Coligação para a Inovação na

Dr. Ngong Cyprian, da Nigéria, recebe uma dose da vacina contra a COVID-19 entregue através da COVAX.



AS VACINAS SÃO ALOCADAS A TODOS OS PAÍSES DE FORMA IGUAL, DEPOIS DE CADA UM DELES CONCLUIR UMA AVALIAÇÃO DE PRONTIDÃO PARA A VACINA



Presidente nigeriano,
Muhammadu Buhari,
recebe uma vacina.

Preparação contra Epidemias. A COVAX também apoia a pesquisa, o desenvolvimento e o fabrico de uma variedade de vacinas contra a COVID-19.

Até 10 de Março de 2021, as autoridades tinham feito a entrega de 10 milhões de doses da COVAX aos países africanos. As vacinas criaram um impacto imediato, protegendo alguns dos que estavam mais vulneráveis.

A Costa do Marfim também recebeu algumas doses através da COVAX. Pessoal de saúde, professores e membros das forças de segurança foram vacinados em primeiro lugar.

“As vacinas salvam vidas. Enquanto os profissionais de saúde e outro pessoal da linha da frente são vacinados, veremos uma retoma gradual ao normal, especialmente para as crianças,” Marc Vincent, representante do UNICEF na Costa do Marfim, disse num artigo do sítio da internet das Nações Unidas. “No espírito da cobertura universal de saúde, não devemos deixar ninguém para trás.”

Na Nigéria, os funcionários do sector de saúde e da linha da frente foram os primeiros a serem vacinados.

Peter Hawkins, representante nacional do UNICEF, disse, à Al-Jazeera, que ainda existe muito a fazer no cumprimento da “nossa obrigação para com o povo nigeriano.”

“Mas aproximadamente 4 milhões é uma grande quantidade,” disse Hawkins, aquando da primeira entrega da COVAX. “É um passo fantástico de avanço para a Nigéria e um passo fantástico de avanço para toda a África, e as pessoas irão dar estes passos. Não há dúvidas quanto a isso.”

Entre os primeiros países africanos a receberem as vacinas através da COVAX encontravam-se Angola, República Democrática do Congo, Gâmbia, Quênia, Malawi, Mali, Ruanda, São Tomé e Príncipe, Senegal, Sudão e Uganda.

Patrick Amoth, director-geral do Ministério da Saúde do Quênia, foi um dos primeiros do país a receber a vacina.

“Sinto-me bem,” disse Amoth à Reuters. “A vacina é segura.”

Enquanto outros países recebiam as vacinas da COVID-19, o Ruanda instalava uma infra-estrutura para providenciar armazenamento em temperaturas extremamente baixas exigidas por algumas das vacinas.

“Estas doses da vacina contra a COVID-19, da facilidade da COVAX, representam um esforço global sem precedentes que visa o acesso equitativo a vacinas contra a COVID-19,” Dra. Mwinga Kasonde, a representante da OMS naquele país, disse ao jornal ruandês, *Taarifa*.

O Ministro de Saúde do Ruanda, Omar Ahmed al-Najib, disse que a campanha de vacinação do país iria priorizar profissionais de saúde e pessoas da terceira idade.

“A quantidade [de vacinas] conseguida hoje será suficiente para uma grande parte dos que trabalham em profissões ligadas à saúde,” disse al-Najib à Agence France-Presse. “Uma vez que estão mais susceptíveis a serem infectados, [serão vacinados em primeiro lugar], de modo a poderem oferecer serviços de saúde seguros aos nossos cidadãos. As vacinas serão gratuitas para todos os cidadãos. Mais carregamentos irão chegar de forma consecutiva, se Deus permitir.” □



UMA **TENDÊNCIA** PARA
O CAOS

HÁ MUITO CONHECIDO COMO O 'NARCO-ESTADO' DE ÁFRICA, A REPUTAÇÃO DE GUINÉ-BISSAU SERÁ DIFÍCIL DE ABALAR

EQUIPA DA ADF | FOTOS DA AFP/GETTY IMAGES

A antiga colónia portuguesa de Guiné-Bissau foi perseguida por agitação e instabilidade desde a sua independência, em 1974. O governo foi derrubado cerca de seis meses depois e a sua história tem sido manchada por golpes, tentativas de golpes e caos governamental desde essa altura.

Acrescente a essa infâmia o epíteto "narco-Estado", concebido para resumir uma instituição criminal que durante anos permitiu — na verdade, possibilitou — um livre fluxo de narcóticos para os portos nacionais, numa jornada transaccional acompanhada de uma cumplicidade dos funcionários governamentais. O Fundo Monetário Internacional define narco-Estado como um país onde "todas as instituições legítimas ficaram penetradas pelo poder e pela riqueza dos traficantes."

Um funcionário das Nações Unidas na capital, Bissau, estimou, em 2018, que pelo menos 30 toneladas métricas de cocaína da América Latina entram no país anualmente, maior parte da qual com destino a Europa. Os fornecimentos em maiores quantidades entram por via aérea e uma outra parte entra através de embarcações legais e ilegais da pesca internacional. Por vezes, os pescadores locais trazem as drogas para a costa. Outras vezes, é o exército que as transporta, atravessando fronteiras.

O exército do país, muitas vezes, desempenhou um papel importante na política, incluindo nos golpes, tendo o mais recente dos quais ocorrido em 2012. O exército também participou no tráfico de drogas. Num dos casos de maior destaque, em 2013, um grande júri de Nova Iorque indiciou o General António Indjai, na altura Chefe do Estado-Maior do Exército do país, sob acusações de tráfico de cocaína colombiana e fornecimento de armamento a insurgentes antigovernamentais daquele país. Ele



Apreensões de cocaína como estas aumentaram desde que iniciaram os esforços das novas interdições nos últimos anos, mas as condições políticas e sociais ainda fazem com que seja fácil os traficantes operarem na Guiné-Bissau.

tinha assumido o poder durante o golpe de 2012. Foi exonerado em 2014.

Antigo Contra-Almirante, José Américo Bubo Na Tchuto, apreendido no mar numa operação de combate às drogas dos EUA, sob acusações de tráfico de cocaína para os EUA, declarou-se culpado em 2014 e foi condenado a quatro anos de prisão.

As peculiaridades geográficas da Guiné-Bissau fazem com que este país seja atractivo para os traficantes de drogas. A linha da costa do país é predominantemente compreendida pelas Ilhas Bijagós, 88 áreas terrestres maioritariamente desabitadas.

“

A GUINÉ-BISSAU ALCANÇOU UM PROGRESSO NOTÁVEL NA REFORMA, NO FORTALECIMENTO DAS SUAS INSTITUIÇÕES ESTATAIS E NA MANUTENÇÃO DA ESTABILIDADE RELATIVA.”

— Bintou Keita, então adjunta secretária-geral da ONU para África

Os soldados da missão da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental, em Guiné-Bissau, esperam fora do palácio presidencial, em Bissau, no primeiro dia das eleições, a 24 de Novembro de 2019.





Antigo chefe do Estado-Maior do exército da Guiné-Bissau, General António Indjai, indicado em 2012, foi acusado de tráfico de drogas.

Algumas foram utilizadas pelos traficantes para depositar e armazenar drogas ilícitas.

Apesar da história e da culpabilidade do país com o tráfico de drogas, houve algumas apreensões de drogas de grande importância na Guiné-Bissau, nestes últimos anos. Em Setembro de 2019, a polícia de Guiné-Bissau apreendeu mais de 1,8 toneladas métricas de cocaína escondidas em sacos de cereais que chegaram por via marítima na região noroeste do país, noticiou a Reuters. A investigação da Operação Navara, que durou duas semanas, resultou na

apreensão de seis guineenses, três colombianos e um maliano. Foi a maior operação de combate às drogas da história do país e resultou em julgamentos bem-sucedidos e penas de prisão.

Cerca de seis meses antes, as autoridades tinham apreendido cerca de 800 quilogramas de drogas na Operação Carapau. A polícia apreendeu um guineense, dois nigerianos e um senegalês, depois de descobrirem cocaína num camião frigorífico registado no Senegal, noticiou a Agence France-Presse.

As condenações daí resultantes e os termos de prisão da operação Carapau marcaram a primeira vez, nestes últimos anos, que o sistema de justiça do país foi bem-sucedido em julgar um caso de tráfico de drogas de grandes dimensões, de acordo com o Escritório das Nações Unidas contra a Droga e o Crime (UNODC).

Ambas as apreensões de drogas são positivas num país assolado por muitos casos negativos. Mas quando contrastado com a pobreza contínua, a agitação e o caos político que persiste mesmo agora, é difícil demonstrar que Guiné-Bissau fez uma transição bem-sucedida, saindo da sua reputação como um narco-Estado, de acordo com vários estudos e relatórios. O país de aproximadamente 2 milhões de habitantes tem um longo percurso e está claro que não será capaz de percorrê-lo sozinho.

NAÇÕES UNIDAS APONTAM PARA O PROGRESSO

Anos de instabilidade atraíram a presença das Nações Unidas depois de uma guerra civil, em



A DINÂMICA DAS ORGANIZAÇÕES DE TRÁFICO É DE SEMPRE ENCONTRAR O PONTO DE MENOR RESISTÊNCIA."

— Dra. Angela Me, chefe da Divisão de Pesquisa e Análise de Tendências do UNODC

1998-1999. A ONU abriu o seu Gabinete de Apoio à Paz em Guiné-Bissau. Dez anos depois, deu lugar ao Gabinete Integrado das ONU para a Consolidação da Paz (UNIOGBIS), que continuou até ao fim de 2020.

Uma Equipa Nacional da ONU, desde então, tem trabalhado com outros parceiros regionais e internacionais da ONU para a consolidação da paz e da estabilidade no país. "A Guiné-Bissau alcançou um progresso notável na reforma, no fortalecimento das suas instituições estatais e na manutenção da estabilidade relativa," Bintou Keita, então secretária-geral para África, disse numa cerimónia havida no dia 11 de Dezembro de 2020, que marcou o fim da missão da UNIOGBIS. "O reposicionamento de uma equipa de missão das Nações Unidas no país é prova deste progresso."

Keita e a Representante Especial do Secretário-Geral, Rosine Sori-Coulibaly, disseram que a missão política ajudou a possibilitar eleições livres, resolver disputas políticas, lutar contra o tráfico de droga e promover os direitos humanos, incluindo a participação das mulheres e dos jovens na política, de acordo com o DPPA Politically Speaking, uma revista online do Departamento de Assuntos Políticos e Consolidação da Paz, da ONU.

A ONU continuará a trabalhar para ajudar a Guiné-Bissau a alcançar os objetivos do desenvolvimento, combater a pobreza, a injustiça, as desigualdades do género; melhorar a protecção da criança e outras questões, de acordo com a revista.

Mesmo assim, ainda persistem muitos desafios. As grandes apreensões de drogas de 2019 podiam parecer estar a indicar que os traficantes ainda têm uma rede de compatriotas dispostos no terreno, dentro e fora de Guiné-Bissau, e que as capacidades de estrangular os circuitos de drogas ainda não foram alcançadas. Ademais, alguns dizem que a instabilidade política associada às eleições presidenciais de 2019 podia deixar o país vulnerável ao tráfico de drogas.

"Quanto ao tráfico de cocaína — assim como de todas as outras drogas — existem traficantes que queiram maximizar os lucros enquanto evitam os riscos," Dra. Angela Me, chefe da Divisão de Pesquisa e Análise de Tendências do UNODC, disse num vídeo. "A dinâmica das organizações de tráfico é de sempre encontrar o ponto de menor resistência."

Por essa razão, qualquer país com uma grande variedade de instituições governamentais, jurídicas e



Domingos Simões Pereira ficou em segundo lugar nas eleições presidenciais de 2019. O seu partido, o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde, no poder há vários anos, contestou os resultados.



O líder da oposição, Umaro Sissoco Embaló, venceu as eleições presidenciais da Guiné-Bissau, mas o partido que há muito esteve no poder naquele país reivindicou fraude.

de cumprimento da lei fracas será mais vulnerável a ser cooptada pelas organizações criminosas, tais como os cartéis de droga e os traficantes. A Guiné-Bissau foi e continua a ser esse tipo de país. Mas o UNODC trabalhou juntamente com as autoridades governamentais para lutar contra o comércio de drogas.

OS GRANDES DESAFIOS PERSISTEM

Apesar de uma persistente instabilidade governamental, o UNODC afirma que foram alcançadas as "condições políticas mínimas" para, mais uma vez, ajudar o governo a lutar contra o tráfico de drogas e contra o crime organizado.

Em Junho de 2018, o então presidente, José Mário Vaz, pediu que o UNODC ajudasse a fortalecer todos os aspectos do sistema de justiça criminal com vista a combater o tráfico de drogas, o crime organizado, o branqueamento de capitais e a corrupção. De facto, o UNODC comunicou que a Guiné-Bissau tinha "demonstrado um compromisso renovado de engajar-se na luta contra o tráfico de drogas e contra o crime organizado," através do lançamento da Força-Tarefa de Interdição Conjunta de Aeroportos (JAITF) do Aircop, em Abril de 2018.

O Programa de Comunicações Aeroportuárias (Aircop), que envolve várias agências, procura desfazer as redes criminosas, ajudando os aeroportos participantes a detectar e interceptar drogas, materiais ilícitos e passageiros de alto risco nos países de origem, de trânsito e de destino. Desde que a iniciativa do UNODC, da Interpol e da Organização Mundial das Alfandegas estabeleceu o JAITF, no Aeroporto Internacional Osvaldo Vieira, em Bissau, houve um número recorde de apreensões de drogas naquele ponto, comunicou o UNODC.

Estes desenvolvimentos são ofuscados pelo contínuo caos político. As eleições nacionais de 2019 resultaram em tudo menos transferência harmoniosa do poder político. O presidente em exercício, Vaz, não foi para além da primeira volta das eleições, em Novembro de 2019. O antigo Primeiro-Ministro, Umaro Sissoco Embaló, venceu a segunda volta, em Dezembro de 2019. A investidura de Embaló decorreu em Fevereiro de 2020, mas o partido maioritário do seu rival nas eleições, Domingos Simões Pereira, afirmou que as eleições tinham sido fraudulentas e investiu o seu próprio presidente — Cipriano Cassamá, o presidente do parlamento — que renunciou depois de apenas um dia em exercício, citando ameaças de morte, de acordo com uma reportagem da BBC.

"Eu não tenho segurança," disse Cassamá à comunicação social. "A minha vida está em perigo, a vida da minha família está em perigo, a vida deste povo [país] está em perigo. Eu não posso aceitar isso, é por isso que tomei esta decisão."

Vaz foi o primeiro presidente a servir um mandato completo no poder desde que o país ganhou a sua independência. O seu mandato único de cinco anos

teve nove primeiros-ministros, um deles chegou a durar apenas 10 dias. As eleições que se seguiram levantaram tensões políticas e, em certo momento, resultaram em dois homens a servirem como presidentes em simultâneo, mesmo que por um único dia.

Em meio a este caos encontra-se a prova de que os oficiais militares continuam estreitamente ligados aos actores políticos, uma condição semelhante a de 2012, quando os oficiais de alta patente do exército, como Indjai, participaram no comércio de drogas, de acordo com um artigo de Maio de 2020 para a Iniciativa Global Contra o Crime Organizado Transnacional, escrito por Mark Shaw e A. Gomes. O artigo também observa que a pandemia global da COVID-19 pode dar aos observadores regionais e internacionais motivos para desviarem a sua atenção, deixando o país livre para continuar com os negócios, como acontece normalmente.



Um soldado da Guiné-Bissau vota durante a segunda volta das eleições presidenciais de 2019, em Bissau.

Algumas das recomendações dadas por Shaw e Gomes para lidar com a instabilidade na Guiné-Bissau incluem estabelecer um diálogo nacional entre representantes do governo, do exército e da sociedade civil. Uma outra opção podia incluir uma "comissão da verdade," que poderia garantir amnistia aos actores culpáveis que falassem abertamente sobre o seu envolvimento no tráfico de drogas e de outros delitos.

"Aqueles que não o fizessem, estariam sujeitos a julgamento, sublinhando que, no fim de tudo, não haveria impunidade para aqueles que estiveram envolvidos no tráfico de drogas e puseram em risco as perspectivas políticas, sociais e de desenvolvimento a longo prazo para a Guiné-Bissau," escreveram os autores. □

UM RECURSO PRECIOSO

*À Medida que os Grupos Extremistas Violentos
Avançam para Explorar Minas de Ouro Artesanais,
Crianças Caem num Perigo ainda Maior*

EQUIPA DA ADF



Um mineiro artesanal exhibe uma pepita de ouro numa mina não licenciada, em Gaoua, Burkina Faso. REUTERS

Durante os quatro séculos do seu reinado, o Império de Mali era conhecido no mundo pela sua fabulosa riqueza em ouro.

Aproximadamente 700 anos mais tarde, as áreas do antigo império ainda são ricas em depósitos daquele metal precioso. Agora a maior parte da mineração de pequena escala de ouro no Mali e em Burkina Faso — conhecida como mineração artesanal — é marcada por trabalho infantil perigoso e de exploração, condições de trabalho desumanas, poluição, perigos para a saúde e o flagelo do tráfico de seres humanos. Tudo isso está a acontecer numa região assolada por organizações extremistas violentas (OEVs) que consideram as minas não regulamentadas como maduras para a extorsão e uma fonte de rendimento para financiar as suas operações e recrutamento. A violência regional está a aumentar, e a instabilidade e os deslocamentos resultantes irão fazer com que essas minas fiquem vulneráveis ao aumento da exploração enquanto as OEVs se expandem para novas áreas e tentam dominar os mercados de ouro locais.

No ano passado, a COVID-19 misturou-se com a violência regional para produzir um aumento no tráfico de crianças, trabalho forçado e recrutamento no Mali, de acordo com um estudo do ano de 2020, feito pelo Grupo Temático de Protecção Mundial (Global Protection Cluster), dirigido pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. O grupo é uma rede das organizações da ONU e organizações não-governamentais que protegem pessoas afectadas por crises humanitárias.

A COVID-19 alia-se a outros factores para encerrar escolas e age como um multiplicador da miséria no dia-a-dia de uma região já empobrecida e violenta.

O estudo descobriu 230 casos de recrutamento de crianças na primeira metade do ano, ultrapassando o total de 215 registados em todo o ano de 2019 e duplicando o número registado em 2018. As autoridades descobriram que cerca de 6.000 crianças — maioritariamente rapazes — trabalhavam exactamente em oito minas malianas. Enquanto os grupos terroristas armados lutam para controlar minas lucrativas locais, pode-se razoavelmente esperar que o tráfico de seres humanos aumente, mesmo na vizinha Burkina Faso.

A INDÚSTRIA COMUM DO OURO

As minas artesanais de ouro são comuns no Mali, em Burkina Faso e na África Subsaariana. Os seus grandes números são, muitas vezes, acompanhados com condições perigosas de trabalho, especialmente para as crianças. Tais minas, muitas vezes, encontram crianças com menos de 15 anos a trabalharem por longas horas, empunhando ferramentas pesadas como picaretas e levantando cargas perigosas nos seus corpos ainda em desenvolvimento. Os poços podem desabar e enterrar os trabalhadores ainda vivos.

As minas também apresentam perigos químicos e ambientais. Os mineiros, muitas vezes, acrescentam

mercúrio no lodo para ajudar a formar uma amálgama com o ouro. Posteriormente, aquecem o produto resultante com maçaricos ou sobre as chamas para evaporar os produtos químicos, deixando de sobra o metal precioso. O mercúrio pode ser inalado e espalhado no ambiente ao redor, onde reage com bactérias contidas na água, plantas e sujidade, para formar metil mercúrio letal. A exposição a doses elevadas pode ser letal e pode danificar os sistemas nervoso, digestivo e imunitário e atrasar o desenvolvimento intelectual.

Uma pesquisa de 2018 de imagens de satélite descobriu cerca de 2.200 minas de ouro informais espalhadas por Burkina Faso, de acordo com uma reportagem da Reuters. A indústria do ouro artesanal naquele ponto e nos países vizinhos do Mali e da Nigéria possui um valor estimado combinado de 2 bilhões de dólares por ano. Enquanto as OEVs proliferam em Burkina Faso, um dos principais 10 produtores de ouro em África, elas acabarão por estar cada vez mais próximas das minas de ouro, onde se podem esconder, extorquir impostos e recrutar novos membros.

O tráfico de seres humanos e a exploração não são desenvolvimentos recentes nestas minas de ouro artesanais. Um relatório de Dezembro de 2011, da Human Rights Watch (HRW), indicou que o tráfico de crianças na África Ocidental em geral, e no Mali em particular, estava



Rapazes peneiram o solo à procura de ouro em Mogen, Burkina Faso. Estudos demonstram que o tráfico de seres humanos e duras condições de trabalho são comuns nestas minas. REUTERS

a aumentar. “A maior parte do tráfico é feita através de redes pequenas e informais, incluindo familiares e conhecidos,” comunicou a HRW.

“Para além do tráfico interno, existe o tráfico transfronteiriço entre o Mali e os seus países vizinhos.”

Muitas crianças que trabalham nas minas de ouro artesanais são imigrantes e algumas vivem e trabalham lá sem os seus pais. Isto intensifica a sua vulnerabilidade a mais tráfico e exploração.

O relatório da HRW examinou as condições que existiam antes da explosão da violência e instabilidade que começou em 2012 com a rebelião dos Tuaregues, no norte do Mali. Desde essa altura, a mesma alastrou-se para toda a região nas mãos de várias organizações extremistas e terroristas.

A violência continua a crescer. O Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS) comunicou, em Janeiro de 2021, que os 1.170 incidentes violentos observados em Burkina Faso, Mali e no oeste do Níger, em 2020, marcaram um aumento de 44% em comparação com 2019. A violência registou um firme aumento desde 2015, e

a vida, o que as deixa extremamente vulneráveis,” Dr. Daniel Eizenga, membro do órgão de pesquisas do ACSS, disse à ADF.

“O trabalho infantil e o tráfico de crianças são predominantes nesta região,” disse Eizenga, anotando a prática de longa data de enviar crianças para a Costa do Marfim para trabalharem nas machambas de cacau. “E isso acontecia antes do início das organizações extremistas violentas e da violência com a qual toda a região ficou desestabilizada.”

UMA FONTE LUCRATIVA PARA OS EXTREMISTAS

As minas de ouro artesanais operam fora do controlo e regulamentação do governo e, embora sejam menores em relação aos locais de exploração industrial, a sua produção pode ser significativa. Em 2018, as autoridades burquina-bês visitaram 24 minas próximas do local onde os ataques extremistas tinham acontecido, noticiou a Reuters.

Eles estimaram que apenas aqueles poucos locais produziam 727 quilogramas de ouro por ano, avaliado em cerca de 34 milhões de dólares. O total dos locais artesanais somente em Burkina Faso é estimado em 15 a 20 toneladas métricas por ano, avaliadas entre 720 e 960 milhões de dólares.

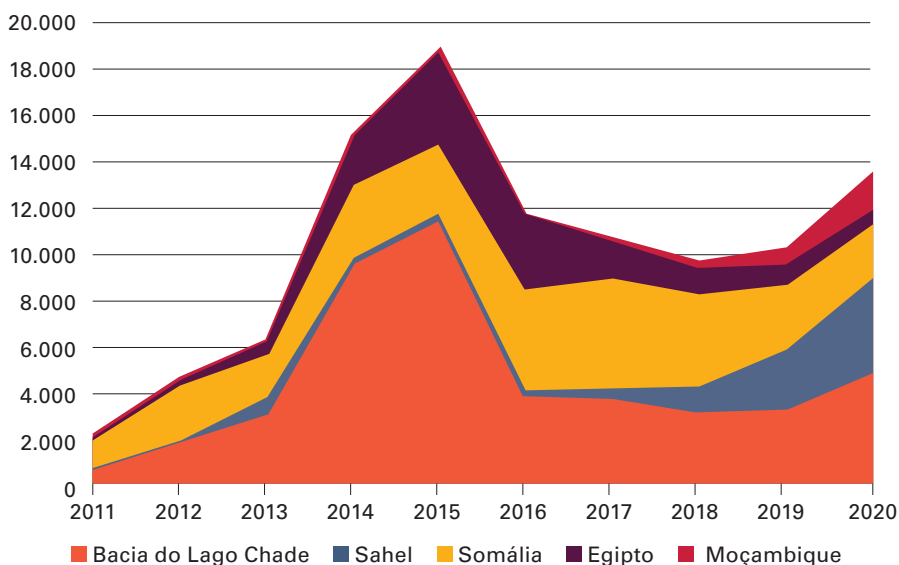
As actividades das OEVs começaram a sair do Mali para Burkina Faso em 2017 e até 2019 tinham chegado até à parte oriental do país, disse Eizenga. Enquanto as OEVs proliferavam, elas forçavam o encerramento de escolas, afectando milhares de crianças. Algumas destas crianças provavelmente descobriram sozinhas o caminho para as minas, mas é provável que muitas delas sejam traficadas para as minas por vários grupos.

Identificar esses grupos, redes e fluxos de tráfico é um desafio. O ISGS e a FLM são dois grupos extremistas que são mais associados com as minas de ouro, mas o seu envolvimento directo no tráfico de seres humanos não está

claro. O ISGS começou a avançar para zonas com minas de ouro há mais de um ano, disse Eizenga, em Fevereiro de 2021. O grupo, que apenas tem algumas centenas de militantes móveis, movimenta-se de uma mina para a outra, extorquindo impostos da comunidade. Eles não operam nem interrompem as minas por medo de perder a fonte de rendimentos, mas, algumas vezes, impedem que as autoridades governamentais interfiram nas minas.

Devido aos deslocamentos em massa das pessoas e o encerramento de escolas, “não é difícil imaginá-las a darem um outro passo do tráfico de crianças para as minas e potencialmente a tentarem utilizar isso como outra forma de aumentar o seu rendimento,” disse.

Fatalidades Ligadas a Militantes de Grupos Islâmicos em África



Fonte: Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos

CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

dois grupos — a Frente de Libertação de Macina (FLM) e o Estado Islâmico do Grande Sahara (ISGS) — foram responsáveis por aproximadamente todos os ataques de 2020, que resultaram em 4.122 mortes, um aumento de 57% em comparação com 2019.

A violência do Sahel desalojou 1,7 milhões de pessoas, 1,1 milhões das quais se encontram em Burkina Faso, de acordo com o ACSS. Essa instabilidade poderá intensificar o tráfico de seres humanos.

“Quando se tem um grau de deslocamentos, então, haverá também um aumento de tráfico de seres humanos por causa da existência de muitas comunidades postas no olho da rua e que têm de descobrir como podem ganhar



Jovens mineiros, um deles com muletas, em pé numa mina artesanal em Burkina Faso. AFP/GETTY IMAGES

*A longo prazo, as autoridades
governamentais terão de identificar e
regular os locais de mineração artesanal de
formas que isso não perturbe as vidas das
comunidades que delas dependem.*



Um mineiro das minas de ouro trabalha no subsolo com uma ferramenta manual, na Nigéria. Mineiros artesanais são comuns em muitas partes de África. AFP/GETTY IMAGES

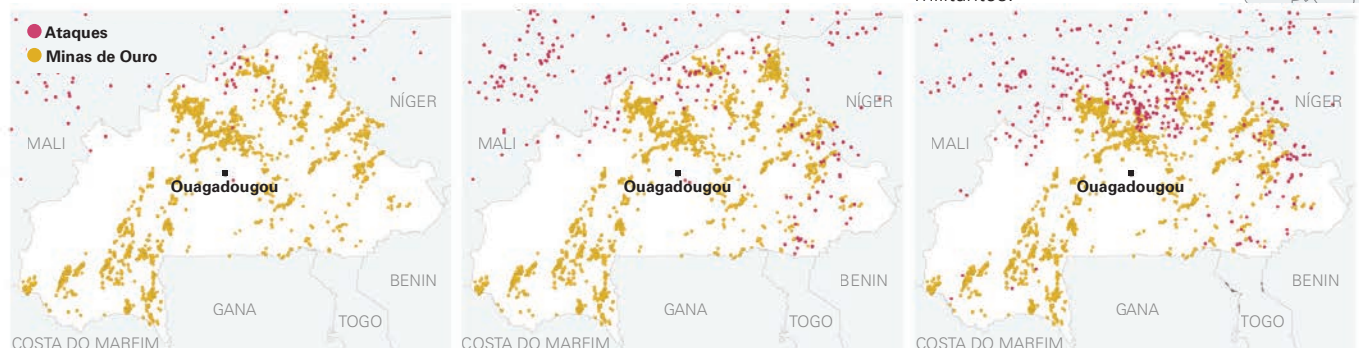
Ataques e Minas de Ouro Desde 2017, os extremistas estabeleceram uma presença em muitas partes de Burkina Faso, onde as minas de pequena escala produzem ouro que se avalia em até aproximadamente 1 bilhão de dólares por ano. Aproximadamente metade dos possíveis locais de minas identificados pelo governo encontra-se a 25 quilômetros de lugares onde se documentou alguma actividade extremista, como confrontos com as forças de segurança, raptos e bombardeamentos pelas estradas, de acordo com uma análise da Reuters e do Instituto de Combate ao Tráfico de Produtos da Fauna Bravia.



● **2017** A maior parte dos ataques dos militantes ocorreu no Mali.

● **2018** Extremistas lançam ataques próximo da fronteira com o Níger.

● **2020** Enquanto os ataques se intensificam e se expandem, mais ouro fica ao alcance dos militantes.



Nota: Possíveis locais de minas de ouro foram identificados numa pesquisa do governo, em 2018, feita por meio de imagens de satélite.

Fontes: Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos; Agência Nacional de Gestão de Minas e Operações Semi-Mecanizadas; Natural Earth

A FLM, que também é conhecida como Katiba Macina, aparenta estar a tentar expandir-se para o sudoeste de Burkina Faso, uma área que também tem muitas minas artesanais, com esperanças de dominar o mercado de ouro naquele ponto, disse Eizenga.

Ligar grupos específicos como o ISGS e a FLM ao tráfico de crianças ou outros nos locais de minas artesanais é difícil. Eizenga disse que nunca teve provas claras do envolvimento directo de qualquer um destes grupos. Mas concorda que mesmo que os grupos não estejam directamente envolvidos no tráfico, eles são, no mínimo, cúmplices porquese se beneficiam dos trabalhos daqueles que foram traficados.

RESOLVENDO O PROBLEMA

O tráfico de seres humanos na região do Sahel, incluindo Mali e Burkina Faso, é uma prática enraizada numa zona há muito conhecida pelas comunidades informais e pela falta de segurança e de capacidade dos agentes da lei. A explosão da violência extremista na região depois de 2012 acrescenta complicações a qualquer resposta. A região já tem várias forças multinacionais de segurança a operarem, como a missão de manutenção da paz das Nações Unidas no Mali, a Operação Barkhane, liderada pela França, e a Força Conjunta G5 do Sahel.

O desafio, disse Eizenga, é de garantir protecção contínua e segurança para as comunidades mineiras sem interrupção das economias que as minas fornecem aos residentes locais. “Este é um grande desafio quando se olha para a mineração artesanal, é como integrar esta forma de vida — as economias informais que existem à volta destas minas — sem interromper completamente a economia destas pequenas comunidades?”

Ganhar a confiança será uma componente essencial. Às vezes, as forças de segurança têm sido muito pesadas quando tentam desarraigar as OEVs das comunidades.

Os residentes locais, que não fazem parte dos grupos violentos mas que foram obrigados a cooperar com eles, às vezes, são apanhados no meio.

Para ganhar a confiança será necessário primeiro garantir uma segurança contínua. Falando em termos gerais, as forças de combate ao terrorismo foram “tacticamente bem-sucedidas” em degradar as OEVs na região da fronteira tríplice de Liptako-Gourma, onde Burkina Faso, Mali e Níger se encontram, disse Eizenga. Para manter aquele território, será necessário uma mudança estratégica na forma como as forças interagem com as comunidades locais.

Manter uma presença significativa nas zonas mineiras pode incluir descobrir uma forma de destacar unidades policiais locais que estejam ligadas às forças militares para garantir uma reacção rápida às ameaças das OEVs, disse Eizenga.

A longo prazo, as autoridades governamentais terão de identificar e regular os locais de mineração artesanal de formas que isso não perturbe as vidas das comunidades que delas dependem.

Garantir segurança contínua irá ajudar a ganhar a confiança, disse. Depois, as autoridades podem utilizar esta confiança para identificar, registar e regular as minas de ouro de uma forma que acrescente legitimidade que irá afastar a exploração pelos extremistas.

“Isso tem o benefício acrescido de ser capaz de interromper as actividades ilícitas das organizações extremistas violentas e, dessa forma, estarão simultaneamente, a proteger essas comunidades a interromper as actividades das OEVs,” disse Eizenga. “E assim como com qualquer tipo de força insurgente, pode-se cortar-lhes os rendimentos, eventualmente isso coloca pressão nelas e, quando se coloca pressão nelas, isso faz com que seja difícil elas operarem, faz com que seja difícil recrutarem. Acrescentar esses desafios terá um efeito, em termos gerais, positivo.” □



Procurar o
CHIFFRE
no
PALHEIRO

APRENDIZAGEM AUTOMÁTICA E
FERRAMENTAS DE TECNOLOGIA AJUDAM
AS AUTORIDADES A RESTRINGIREM
OS ESFORÇOS PARA CAPTURAR
OS TRAFICANTES DE PRODUTOS
PROVENIENTES DA FAUNA BRAVIA

EQUIPA DA ADF

Doze anos atrás, o Dr. Andrew Rhyne, um biólogo marinho e especialista em matérias de tráfico de produtos provenientes da fauna bravia, estava a tentar descobrir uma melhor forma de rastrear os peixes de aquário que eram importados para os Estados Unidos. O sistema não foi capaz de manter-se a par devido ao volume comercializado. Cerca de 130 funcionários dos Serviços Pesqueiros e Fauna Bravia tinham de inspeccionar centenas de milhares de carregamentos de todos os tipos de animais. A maior parte desse trabalho exigia referência cruzada manual de informações sobre documentos de envio, com pessoas e empresas em listas negras por causa de delitos anteriores. Também exigia certificar que o peixe do carregamento correspondia àquilo que foi declarado. Com cerca de 40.000 espécies marinhas para rastrear, esta não era uma tarefa fácil.

"Existem tantas coisas que chegam para atravessar a fronteira, e os inspectores não têm tempo," Rhyne disse à ADF. "Estamos a pedir que eles saibam sobre tudo e tentem descobrir coisas ilegais que ali estiverem."

Rhyne e os seus co-criadores desenvolveram o Nature Intelligence System (NIS), que digitaliza documentos e utiliza algoritmos para examinar o histórico do comprador e do vendedor. Faz a referência cruzada destas pessoas com registos criminais e examina vários outros dados para certificar que os carregamentos sejam provavelmente a espécie e a quantidade correctas, e ainda se são realmente originários do país que afirmam ser.

"Se tiver este volume enorme de informação, basicamente estará a tentar procurar uma agulha no palheiro," disse Rhyne. "Por isso, o nosso sistema essencialmente foi feito para aliviar a enorme quantidade de documentação que as agências agora possuem."

O sistema ajuda as agências a utilizarem os seus recursos limitados, inspeccionando apenas os carregamentos que são mais propensos a serem ilegais. Isto é importante, uma vez que, em média, os inspectores têm tempo para verificar apenas cerca de 10% de todos os carregamentos que passam pelas alfândegas. O Aeroporto de Heathrow, em Londres, sozinho processa 28 milhões de animais vivos por ano.

Os traficantes tiram vantagens desta falta de capacidade para movimentar animais vivos ou partes de animais sem fazerem muito esforço para os esconder. Eles acreditam que a vantagem está do seu lado.

"Os agentes recebem muitas coisas, e nós pedimos que eles identifiquem 20.000 espécies de coisas e derivados,"

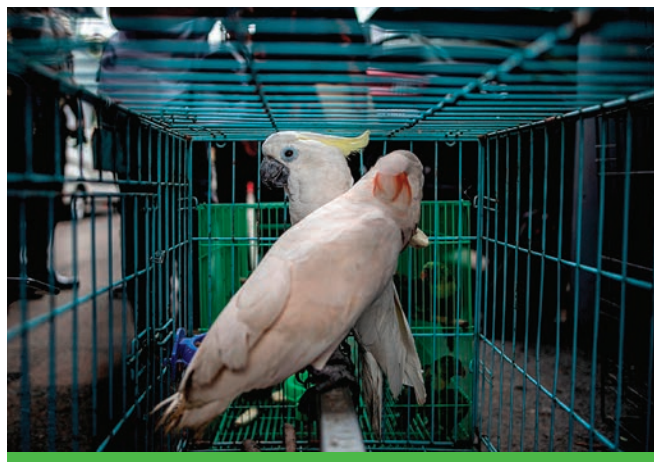
disse Rhyne. "É tão injusto pedir que um ser humano saiba de todas as coisas, por isso, o computador faz mais ou menos isso para eles."

O sistema venceu o Wildlife Crime Tech Challenge (Desafio de Tecnologia do Crime contra a Fauna Bravia), em 2016, promovido pela Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional. Rhyne espera que o mesmo possa ser adoptado de forma mais ampla.

O NIS é apenas uma forma através da qual as agências de cumprimento da lei estão a ganhar vantagem sobre os criminosos, através do uso da aprendizagem automática e de outras tecnologias.

EXAMINANDO DAS REDES SOCIAIS

O tráfico ilegal da vida selvagem ocorre abertamente nas redes sociais. Embora os mais proeminentes sítios das redes sociais agora proíbam a venda de animais, os negócios continuam a ser feitos naqueles lugares, e os traficantes de forma bem descarada exibem as suas actividades.



As autoridades capturaram estes papagaios cacatuas numa apreensão de contrabando. AFP/GETTY IMAGES

Um estudo de 2020 feito pela Aliança para o Combate aos Crimes Virtuais descobriu que, apesar das restrições, os traficantes continuam a vender centenas de milhares de dólares em animais vivos ou partes destes no Facebook. A aliança afirma que 58% das páginas do Facebook envolvidas no comércio ilegal da vida selvagem utilizaram de forma clara a palavra "comprar," "venda" ou "vender."

A aprendizagem automática pode ajudar a identificar estes perpetradores. Um estudo feito pelos pesquisadores finlandeses, Enrico Di Minin e Christoph Fink,



Um helicóptero sobrevoa depois de um fiscal a bordo ter disparado um dardo tranquilizante contra um rinoceronte na Reserva de Caça de Pilanesberg, na África do Sul. REUTERS

COMO FUNCIONA A APREDIZAGEM AUTOMÁTICA

Os programadores criam um algoritmo ou estabelecem regras, que ensinam a máquina a reconhecer uma imagem, palavra, som ou outros pormenores importantes. Enquanto a máquina recebe mais informação e um especialista humano identifica manualmente quais dados, como uma fotografia, são importantes e quais não são, a máquina pode melhorar a sua capacidade de identificar coisas importantes. Ela pode classificar nos vídeos ou nas páginas da internet de forma mais rápida do que um ser humano, poupando tempo. Também pode ser programada para captar pormenores imprevisíveis ao olho humano.

MEDIDAS PARA ACABAR COM OS CRIMES CONTRA A VIDA SELVAGEM



Redes Sociais: Um algoritmo pode pesquisar as plataformas das redes sociais à procura de palavras-chave ou imagens relacionadas com o tráfico, a caça furtiva e a venda online de produtos provenientes da vida selvagem.



Vigilância: Câmaras emparelhadas com software de aprendizagem automática podem identificar caçadores furtivos, viaturas e animais nas reservas de animais selvagens, permitindo que os oficiais possam responder de forma mais rápida. Elas também podem detectar tiros de armas e outros sons.



Cumprimento da lei: Os fiscalizadores das fronteiras podem carregar documentos das alfândegas para os programas e os algoritmos irão fazer uma verificação cruzada para certificar que não existam “sinais de alerta.” Isso significa verificar se os vendedores estão nas listas negras, garantir que o país de origem seja correcto e confirmar os pormenores, para ajudar os funcionários a determinarem se os animais que estão a ser enviados correspondem aos animais que estão na documentação.

“OS ALGORITMOS DE RECONHECIMENTO DE IMAGENS PODEM ANALISAR DE FORMA RÁPIDA A VASTA QUANTIDADE DE DADOS ÓPTICOS QUE CHEGAM EM FORMA DE CORRENTES DE VIGILÂNCIA E DAR ÀS EQUIPAS UM ALERTA ANTECIPADO DE QUALQUER AMEAÇA PARA QUE ELAS POSSAM RESPONDER.”

— THE ROYAL SOCIETY,
“SCIENCE: TACKLING THE ILLEGAL WILDLIFE TRADE”

demonstrou que os algoritmos podem procurar por termos-chave, pessoas ou mesmo reconhecer espécies específicas em fotografias e vídeos publicados nas redes sociais. Os programas podem ser feitos para reconhecer animais pelo som que emitem nos vídeos.

“Todo o sistema pode ser automatizado para que os dados sejam extraídos directamente das plataformas das redes sociais,” escreveram os autores. “O conteúdo é filtrado e apenas o relevante é guardado para futuras investigações por um computador ou uma pessoa.”

Os sistemas de aprendizagem automática também podem ser programados para identificar palavras-código dos traficantes e padrões de viagens suspeitos. Por exemplo, se uma pessoa for encontrada nas redes sociais a movimentar-se de um lado para outro entre pontos de maior actividade de tráfico, essa pessoa pode ser marcada para investigação.



A câmara da TrailGuard AI envia vídeos para um sistema que aprende a identificar animais, pessoas desconhecidas e sinais de caça furtiva.

Uma vez que os traficantes tendem a associar-se uns aos outros, os desenvolvedores podem criar um algoritmo para analisar todas as fotografias de um suspeito traficante para obter a sua informação de contacto. Os perfis das redes sociais oferecem um tesouro valioso de informação, incluindo localizações, métodos e números de telefone.

"As pessoas envolvidas no comércio da vida selvagem, muitas vezes, têm perfis de Facebook abertos e exibem abertamente a sua riqueza," Stephen Carmody, investigador-chefe da Wildlife Justice Commission (Comissão para a Justiça da Vida Selvagem), disse ao *The Independent*, um jornal do Reino Unido. "Eles são operacionalmente muito fracos. Eles não mudam de números de telefone de forma regular, encontram-se com os clientes nos mesmos bares ou restaurantes e não praticam a vigilância. Em vez do crime organizado, eu chamaria crime desorganizado [dos criminosos da vida selvagem]."

MELHOR ÓPTICA

Os avanços na tecnologia das câmaras significam maior capacidade das autoridades policiais em fazer a vigilância das fronteiras, estradas e reservas naturais. Mas a pergunta persiste: Como os investigadores podem classificar e categorizar estas imagens para descobrir dados valiosos e acabar com as actividades dos criminosos?

Uma resposta pode ser encontrada numa câmara do tamanho de um lápis com o suporte da aprendizagem automática. A instituição sem fins lucrativos RESOLVE desenvolveu o TrailGuard AI, em parceria com a empresa de tecnologia Intel. A câmara envia vídeos para um sistema que aprende a identificar animais, marca pessoas desconhecidas e capta outros sinais da caça furtiva.

Durante um teste de campo na Reserva Grumeti, na Tanzânia, a TrailGuard ajudou as autoridades a apreenderem 30 caçadores furtivos e a capturarem mais de 589 quilogramas de carne de caça. A equipa espera expandi-la para que seja utilizada em 100 reservas de caça em todo o continente.

"As enormes fronteiras dos parques e os terrenos irregulares fazem com que os fiscais, muitas vezes, se apercebam da caça furtiva quando já é muito tarde," Eric Dinerstein, director de soluções da vida selvagem da RESOLVE, disse à Al-Jazeera. "A TrailGuard age como um sistema de alerta antecipado, fazendo a transição das equipas de fiscais para serem unidades totalmente móveis e de resposta rápida para que possam responder àqueles que pretendam ser caçadores furtivos e impedir os seus ataques."

Enquanto os programas avançam, eles podem ser programados para reconhecer coisas como carcaças de animais ou armadilhas de caçadores furtivos. Alguns sistemas estão a desenvolver tecnologia preditiva que incorpora quantidades de dados para prever onde os caçadores furtivos podem atacar a seguir.

"Os algoritmos de reconhecimento de imagens podem analisar de forma rápida a vasta quantidade de dados ópticos que chegam em forma de correntes de vigilância e

dar às equipas um alerta antecipado de qualquer ameaça para que elas possam responder," escreveu o Royal Society no relatório "Science: tackling the illegal wildlife trade." "Os algoritmos podem diferenciar a presença da vida selvagem e de seres humanos. Isso ajuda as equipas pequenas a compreenderem onde estão posicionados os animais selvagens e potenciais intrusos para que possam utilizar os seus recursos de forma eficaz."

A aprendizagem automática também traz enormes possibilidades nos aeroportos e nos postos fronteiriços, fazendo com que seja possível classificar através das imagens de raio-X já captadas para procurar por partes de produtos provenientes da vida selvagem, como ossos.



Administradores de reservas de caça apresentam peles de leopardo confiscadas dos caçadores no Parque Nacional de Boma, no leste do Sudão do Sul. AFP/GETTY IMAGES

Um projecto dirigido pelos pesquisadores da Universidade de New South Wales, na Austrália, foi capaz de utilizar tecnologia de raio-X para diferenciar espinhos de um animal criado domesticamente dum animal selvagem conhecido como equidna. Outras tecnologias estão a ser desenvolvidas para identificar itens como chifres de rinoceronte ou marfim quando estes aparecerem num raio-X.

Rhyne disse que já existe um reconhecimento global de que os agentes das fronteiras e os fiscais dos parques ficam transtornados com o âmbito do problema do tráfico. "Colocamos um fardo indevido sobre os inspec-tores da vida selvagem e sobre as agências reguladoras," disse. "Eles não estão equipados para lidar com o que passa pelas fronteiras."

Ele disse que é tempo de utilizarmos a aprendizagem automática como uma forma de resposta. Encorajou a todos os países, independentemente das suas dificuldades financeiras ou limitações tecnológicas, a procurarem parcerias que irão permitir que utilizem a tecnologia para combater o tráfico de produtos provenientes da fauna bravia. Existem empresas e grupos que estão ansiosos por juntar forças para combater este problema global. "Existe vontade suficiente no mundo para financiar e fazer isso," disse Rhyne. □

EQUIPAS DE FISCALIS DO SEXO FEMININO

DESEFAZEM ESTEREÓTIPOS

EQUIPA DA ADF

ESTAS MULHERES PROVARAM ÀS SUAS COMUNIDADES QUE
SÃO IGUAIS ÀS SUAS CONTRAPARTES MASCULINAS



Membros da Equipa Leoa
recolhem lenha enquanto
fazem patrulha da área de
conservação de Olgulului, em
Amboseli, Quênia. REUTERS

O trabalho de fiscal no sector da fauna bravia foi tradicionalmente visto como uma actividade do clube exclusivo dos homens, na África Austral. Por isso, quando a organização sem fins lucrativos internacional, Fundação Internacional para o Combate à Caça Furtiva, criou a equipa de fiscais Akashinga, exclusivamente de mulheres, no Zimbabwe, em 2017, foi recebida com cepticismo.

A fundação é responsável pela gestão da área de conservação de Phundundu, no Zimbabwe, uma área de 30.000 hectares, que alguma vez já foi usada para a caça de troféus. Faz parte do ecossistema do Vale do Zambeze, que perdeu milhares de elefantes para os caçadores furtivos nos passados 20 anos. O Zimbabwe alberga cerca de 85.000 elefantes.

As Akashinga, ou “as corajosas” em Shona, fazem a patrulha de Phundundu, que faz fronteira com 29 comunidades, de acordo com a *National Geographic*.



Membros da Equipa Leoa vigiam durante o intervalo, na área de conservação de Olgulului.

REUTERS

Contratar fiscais do sexo feminino foi a ideia do australiano Damien Mander, que vem treinando os fiscais florestais do Zimbabwe há vários anos. Ele concluiu que a preservação dos animais não pode acontecer sem o apoio das comunidades locais. Os fiscais, disse ele, tinham de ser residentes locais.

Mander também acreditava que as mulheres tinham habilidades únicas que fariam delas boas fiscais. Uma destas habilidades era a de serem pacificadoras, o que é de grande importância para acalmar situações violentas.

Mander disse à *National Geographic* que ele procurou por mulheres que tinham sofrido trauma, porque acredita que estas mulheres teriam mais simpatia e protegeriam mais os animais explorados. As mulheres que ele recrutou incluíam vítimas de violência doméstica, vítimas de abuso sexual, órfãs de SIDA e mulheres cujos

maridos as tinham abandonado.

Ele seleccionou a sua primeira equipa, sujeitando as mulheres a três dias de exercícios de treino, enquanto resistiam a condições físicas difíceis. Elas treinavam quando estivessem com fome e cansadas. Começando com 37 recrutas, escolheu 16 para a formação de fiscais; três acabaram por desistir. As mulheres foram formadas em combate corpo a corpo e aprenderam a disparar espingardas.

Quando ele treinou homens sob circunstâncias semelhantes, quase todos desistiram no final do primeiro dia. As mulheres, descobriu ele, eram mais fortes e mais determinadas.

No trabalho, as Akashinga são estritamente vegetarianas, um show de respeito pelos animais que protegem.

No campo, as fiscais dormem em tendas. Quando não estão nas patrulhas e nas incursões, elas estão a treinar ou a praticar. Nas patrulhas, elas têm a obrigação de proteger elefantes, rinocerontes e leões de armas, armadilhas e cianeto.

Uma das mulheres, Petronella

Chigumbura, uma mãe solteira, de dois filhos, juntou-se às Akashinga depois de divorciar-se, em 2016, e ter passado por dificuldades para alimentar a sua família. Agora ela é sargento e instrutora-adjunta.

“Como mulher, eu estava focalizada em utilizar as Akashinga como uma ferramenta para lutar pela melhoria das minhas condições de vida,” disse à ELLE.com. “Agora sou capaz de alimentar os meus filhos e pagar as suas propinas escolares. Fiz carta de condução, que é algo muito grande para uma mulher em África. Também estou a construir uma casa grande para os meus filhos. Agora tenho orgulho de ter o meu próprio

futuro.”

Esta atitude de colocar a família em primeiro lugar é uma outra razão pela qual as mulheres se têm tornado boas fiscais. Estudos demonstraram que as mulheres trabalhadoras dos países em vias de desenvolvimento investem 90% do seu rendimento nas suas famílias, enquanto os homens investem apenas 35% na família.

“Antes, era comum aceitar que um fiscal fosse sempre um homem, mas depois da introdução do programa das Akashinga, eu queria provar que nenhum emprego é apenas designado para homens,” fiscal Nyaradzo Auxillia Hoto disse à ELLE.com. “A princípio, a minha comunidade não foi capaz de acreditar que uma mulher pudesse ser fiscal. Mas os céus são o limite e as mulheres também são capazes de ser fiscais.”

As mulheres fizeram mais de 200 apreensões nos primeiros três anos da operação,



Membros da Equipa Leoa fazem a patrulha na sua camioneta, na área de conservação de Olgulului, em Amboseli, Quênia. REUTERS

reduzindo a caça furtiva do elefante em 80% nas zonas Baixa e Média do Vale do Zambeze, no Zimbábue. Se a pandemia da COVID-19 não interferir, Mander espera ter um programa maior para as mulheres. “O conceito já deu o seu arranque, e estamos no processo de formar mais 240 mulheres para cargos a tempo inteiro, enquanto avançamos para o número de 1.000 fiscais e um portfólio de 20 parques até 2025,” disse ao Mymodernmet.com.

EQUIPA LEOA

Uma equipa semelhante faz a patrulha de 147.000 hectares do Parque Nacional de Amboseli, no Quênia. A Equipa Leoa é composta por oito fiscais patrocinadas pelo Fundo Internacional para o Bem-Estar Animal (IFAW). A unidade de patrulha faz parte de um grupo maior, de 76 fiscais, todos provenientes da comunidade local de Maasai.

A sua missão é de acabar com a caça furtiva e o tráfico de carne de caça bem como prevenir o conflito homem-animal.

Em toda a África, a pandemia da COVID-19 paralisou o turismo e deixou muitos programas de conservação da vida selvagem, doados por financiadores, com dificuldades de sobrevivência. Na Tanzânia, muitos fiscais perderam os seus empregos como resultado disso. Isso fez com que houvesse pressão sobre a Equipa Leoa e sobre os outros fiscais da comunidade, porque têm de fazer a patrulha de áreas maiores. O resultado disso foi um maior nível de caça furtiva, quer para a obtenção de lucro assim como para servir de meio para a obtenção de comida.

A Equipa Leoa foi criada em princípios de 2019, depois de a líder da comunidade de Massai,

Kiruyan Katamboi, também conhecida por “Mama Esther,” ter desafiado o IFAW a empregar mulheres da comunidade como fiscais, noticiou a CNN. Porque as comunidades Maasai são patriarcais, as mulheres normalmente são excluídas da liderança e do processo de tomada de decisões.

Diferentemente dos Serviços de Protecção da Vida Selvagem do Quênia, que também fazem a patrulha do parque, a Equipa Leoa não possui armas. A equipa tem de confiar na sua formação para lidar com animais perigosos e nas suas habilidades de negociação quando estiver a lidar com pessoas violentas. Os membros da equipa podem pedir apoio aos Serviços de Protecção da Vida Selvagem caso as coisas saiam do seu controlo.

Quando estão em patrulha, elas anotam as localizações e as actividades dos animais e falam com os membros da comunidade local para saberem se ocorreu qualquer actividade fora do comum. Elas procuram por armadilhas e outros sinais de caça furtiva e tiram coordenadas de GPS. Ajudam os animais que se encontram em sofrimento em caso de necessidade.

Uma patrulha típica leva a equipa a percorrer cerca de 20 km para visitar uma comunidade local. Não é incomum que os membros da equipa subam em árvores para evitar animais agressivos.

Todas as oito membros da Equipa Leoa possuem o equivalente a um diploma do ensino secundário geral. A abordagem do IFAW para a segurança da fauna bravia é chamada “tenBoma,” nome atribuído em homenagem a um dito popular da África Oriental, que refere que uma comunidade é mais segura quando 10 casas cuidam umas das outras. O IFAW faz parceria com as equipas de fiscais, os membros da comunidade, a Interpol e outras organizações

QUANDO A EQUIPA FOI FORMADA, UMA MULHER DE CADA UM DOS OITO CLÃS DA COMUNIDADE FOI SELECIONADA.



não-governamentais para reunir e analisar os dados e as informações locais. Os membros da Equipa Leoa são particularmente habilitados para escrever relatórios que são essenciais para a abordagem tenBoma.

Quando a equipa foi formada, uma mulher de cada um dos oito clãs da comunidade foi seleccionada. Elas mesmas tinham algumas dúvidas.

“Antes eu pensava que não seria capaz,” disse Sharon Nankinyi à CNN. “Mas depois de estarmos a treinar, tornarmo-nos mulheres muito fortes. Provámos à comunidade que aquilo que um homem faz, uma mulher pode fazer melhor.”

As fiscais da Equipa Leoa tipicamente ficam três semanas de serviço, momento em que fazem a rotação pelos seis acampamentos do parque e da unidade móvel, e têm uma semana de folga. Os dias de trabalho começam às 5:00 horas da manhã, com uma reunião de informe e uma patrulha matinal que dura cerca de quatro horas em grupos de dois. O resto do dia geralmente é passado na base, atendendo às chamadas de

emergência. Para além de ter dormitórios e casas de banho separados, as membros da Equipa Leoa fazem os mesmos trabalhos que os 68 da contraparte masculina.

Durante o confinamento obrigatório da COVID-19, as visitas aos familiares foram menos frequentes; elas passaram quatro meses num determinado ponto sem saírem para casa. Durante uma semana, quando o risco de caçadores furtivos pareceu particularmente grave, a Equipa Leoa subiu para três patrulhas por dia, cobrindo colectivamente mais de 56 quilómetros a pé. O contacto próximo com os aldeões parou por um determinado tempo.

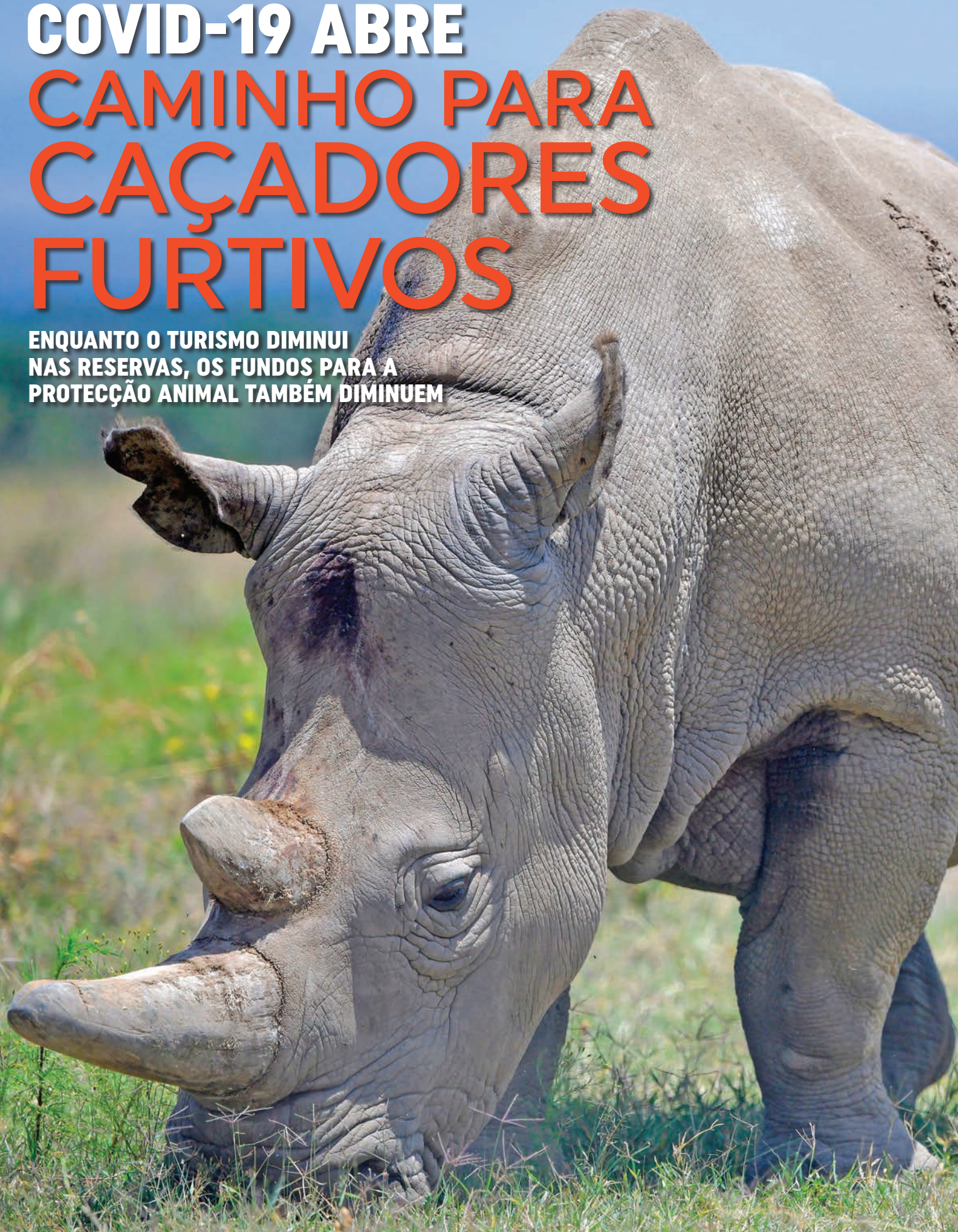
Os confinamentos obrigatórios trouxeram os seus próprios problemas. Assim como disse uma membro da equipa ao *The Guardian*, “as pessoas estão sentadas, sem nada a fazer, em casa, porque não há emprego, então, podem envolver-se na caça furtiva para obter algo para comer e podem vender a carne de caça para poderem ter dinheiro para comprar alimentos ou satisfazer outras necessidades básicas.” □

Novas recrutas passam pelo processo de selecção para se juntarem ao programa de treinamento de Fiscais Akashinga, em Phundundu, Zimbabwe.

AFP/GETTY IMAGES

COVID-19 ABRE CAMINHO PARA CAÇADORES FURTIVOS

ENQUANTO O TURISMO DIMINUI
NAS RESERVAS, OS FUNDOS PARA A
PROTECÇÃO ANIMAL TAMBÉM DIMINUEM





TEXTO DA EQUIPA DA ADF | FOTOS DA AFP/GETTY IMAGES

A pandemia global não colocou os traficantes de produtos da fauna bravia em confinamento obrigatório.

As autoridades do Zimbabwe capturam quatro contrabandistas que tentavam enviar 26 macacos grandes, da República Democrática do Congo para a África do Sul. Na Zâmbia, o abate de animais para a carne de caça aumentou vertiginosamente. No Botswana, os parlamentares debateram se se deve armar os guardas florestais para a sua protecção contra caçadores furtivos.

No Uganda, um caçador furtivo desesperado por comida deparou-se com um gorila do ocidente, de mais de 180 quilos e em vias de extinção, e, em pânico, espetou-o com uma lança, deixando-o para morrer, reportou o grupo de comunicação social, Ensia.

A COVID-19 afectou quase todos os aspectos da vida em todo o mundo. Tirou empregos, causou carências de produtos alimentares e restringiu de forma severa as viagens internacionais. Inicialmente, os conservacionistas e os agentes da lei esperavam que as restrições pudessem ajudar a vida selvagem — as restrições de viagens podem deter os contrabandistas, por exemplo. Mas até agora a COVID-19 tem sido má para a fauna bravia de África.

“Os confinamentos obrigatórios totais nacionais, os encerramentos das fronteiras, as restrições de vistos de emergência, as quarentenas e outras medidas estabelecidas para acabar com a propagação do coronavírus limitaram de forma severa a indústria de turismo, de 39 bilhões de dólares, em África,” observou o *The New York Times*. “O negócio motiva e financia a conservação da vida selvagem no continente, fazendo com que alguns especialistas temam que os animais ameaçados e em perigo de extinção possam tornar-se vítimas adicionais da pandemia.”

As autoridades alertaram que, sem o dinheiro do turismo, normalmente as pessoas que respeitam a lei podem ser obrigadas a matar animais protegidos somente para terem comida. Fulton Mangwanya, director-geral da Autoridade de Gestão de Parques e Vida Selvagem do Zimbabwe, previu que “as comunidades rurais, acostumadas a ter emprego nos grupos de caçadores, irão retroceder para a caça furtiva para a obtenção de carne e partes de animais para o mercado negro à medida que os despedimentos da indústria de caça aumentam,” comunicou a fairplanet.org.

Equipas de conservação que estavam a planificar projectos a longo prazo de repente foram obrigadas a focalizar-se no pagamento de salários, cobrindo custos inesperados como equipamentos de protecção e garantir que as contas correntes fossem pagas. Os parques de África enfrentam dificuldades para manter o pessoal de fiscais com a ausência das visitas dos turistas. E a existência de poucos fiscais implica mais caçadores furtivos.

A CAÇA FURTIVA CONTINUA

Em Janeiro de 2021, a Nigéria apreendeu escamas de pangolim e presas e ossos de espécies em vias de extinção escondidos num contentor de materiais para mobílias. Os materiais capturados são utilizados na medicina tradicional chinesa apesar de não terem nenhum valor medicinal. Estudos sugerem que os pangolins, o animal mais contrabandeado do mundo, podem ter sido hospedeiros intermediários do coronavírus que foi descoberto numa feira agrícola em Wuhan, China, em finais de 2019.

As autoridades alfandegárias afirmam que o contrabando consistia em 162 sacos de escamas de pangolim e 57 sacos de partes de animais à mistura, incluindo marfim e ossos de animais. O total da carga pesou 8.800 quilogramas e foi avaliada em 2,5 milhões de dólares.

Em 2020, a China subiu o estatuto de protecção de todas as espécies de pangolim para o seu nível mais elevado. Mas isso não impediu que houvesse demanda na China e em outras partes da Ásia pelas criaturas, assim como por outros animais africanos. Como foi comprovado pela apreensão nigeriana, o contrabando de animais em grande escala continua.

A África do Sul comunicou que registou uma redução no número de rinocerontes mortos por caçadores furtivos em 2020, cujas autoridades afirmaram que foi parcialmente resultado dos confinamentos obrigatórios da COVID-19.

Em 2020, os caçadores furtivos mataram 394 rinocerontes para retirarem os seus chifres no país, uma redução de 33% em relação aos 594 registados em 2019, disse o ministério do meio ambiente da África do Sul. Mas outros factores, sem dúvida, também estiveram a actuar, pois isso marcou o sexto ano consecutivo que registava incidentes reduzidos relacionados com a caça furtiva de rinoceronte.

Poucos rinocerontes foram caçados porque também existem poucos rinocerontes para caçar. No Parque Nacional Kruger, da África do Sul, onde a maior parte da caça furtiva ocorre, a população de rinocerontes reduziu em aproximadamente 70% durante a década passada.

Em Fevereiro de 2021, a Ministra do Meio Ambiente, Barbara Creecy, disse que as medidas rigorosas para prevenir a propagação da COVID-19, em 2020, causaram “uma redução significativa nas incursões dos caçadores furtivos” no Kruger, próximo da fronteira com Moçambique. “Contudo, isso mudou mais tarde naquele ano quando os níveis dos confinamentos obrigatórios foram relaxados,” disse num comunicado emitido pela BBC.

Creecy acrescentou que, apesar das “circunstâncias extraordinárias em torno da batalha para vencer a pandemia da COVID-19” terem contribuído para o decréscimo na caça furtiva, em 2020, os fiscais, o pessoal de segurança e os esforços do governo para lidar com a questão também desempenharam um papel importante.

A Dra. Jo Shaw, do World Wide Fund for Nature, na África do Sul, disse à BBC que apesar de saudar a redução no número de rinocerontes perdidos para a caça furtiva, “Estamos bem cientes de que o aparente (adiamento) causado pelas restrições dos confinamentos em 2020 era apenas uma pausa temporária.”

SEM TURISTAS NÃO HÁ PROTECÇÃO

A perda de turistas por causa da COVID-19 é um problema para as 7.800 áreas de terras protegidas de África de duas formas. Os turistas fornecem dinheiro para proteger os parques e também emprestam olhos e ouvidos extras na procura por caçadores furtivos.

“Estes animais não são protegidos apenas pelos fiscais, eles também são protegidos pela presença dos turistas,” Tim Davenport, director do programa de conservação de espécies para África, na Wildlife Conservation Society (Sociedade de Conservação da Vida Selvagem), disse ao *The New York Times*. “Como caçador furtivo, você não irá para um lugar onde existam muitos turistas; mas para um lugar onde existam muito poucos deles.”



ACIMA: Os fiscais de um esquadrão canino revistam um moto-taxista, à procura de escamas de pangolim e munições usadas na caça, num parque da República Centro-Africana.

Um pangolim-arborícola, resgatado dos traficantes de animais, dobra-se numa bola de protecção, nos escritórios da Autoridade da Vida Selvagem do Uganda, em Kampala.



Contrariamente aos Estados Unidos e à Europa, os contribuintes dos países africanos geralmente não subsidiam os seus parques e áreas de conservação. De acordo com a Quartz Africa, em alguns casos, os parques africanos e as reservas pagam os governos uma porção dos seus rendimentos, maior parte da qual proveniente do turismo e, em menor quantidade, de doações e ajudas. Mesmo em bons tempos, com muitos turistas, muitos parques passam por dificuldades financeiras.

Em Maio de 2020, a Save the Rhino havia planificado ter o seu terceiro Workshop sobre Cães de Trabalho, na Zâmbia, reunindo especialistas para partilhar conhecimento e melhorar a forma como as equipas trabalham com cães para impedir as actividades dos caçadores furtivos. Os dois workshops anteriores “tiveram um impacto incrível em várias unidades caninas em todo o continente africano,” comunicou a organização. O workshop foi adiado por causa da COVID-19. Sessões de formação semelhantes sobre a protecção da vida selvagem em África foram adiadas ou abandonadas por completo.

Por causa da pandemia, os fiscais de muitos parques não tiveram a permissão para visitar os seus familiares e até tiveram descontos salariais. Nos santuários de rinocerontes, muitos procedimentos não urgentes com os rinocerontes foram adiados, incluindo as translocações de

novas populações de rinocerontes e a marcação do registo nas orelhas para efeitos de identificação.

A COVID-19 levantou a questão do futuro dos parques e reservas de África. Alguns dólares do turismo podem ter já desaparecido, porque mesmo quando os voos internacionais forem retomados, a capacidade reduzida das linhas aéreas pode significar poucas visitas de turistas em Estados onde haja rinocerontes durante os próximos anos. Se a reserva colapsar e entrar em falência, os habitats podem-se perder para sempre dando lugar à agricultura, ao desenvolvimento e aos caçadores furtivos.

Map Ives, director da Conservação do Rinoceronte do Botswana, disse ao *Times* que até à altura em que a pandemia passar e os turistas regressarem, os parques de África estarão sob ameaça de um aumento de números de caçadores furtivos.

“Podemos esperar não apenas a caça furtiva do rinoceronte e do elefante assim como de outros animais icónicos, mas também podemos esperar um aumento na caça furtiva para a obtenção da carne de caça,” disse. “Haverá muitas pessoas que não estejam a ganhar a vida e elas irão recorrer ao mundo natural e não podemos culpá-las.” □



Museu do Níger é um ‘Espelho’ da Nação

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Existem poucos museus no mundo com um âmbito tão amplo como o Museu Nacional do Níger. Este museu possui exposições que cobrem a arte, história, dinossauros, energia nuclear, esculturas de arte e música, assim como animais vivos, porque é também um jardim zoológico.

A relíquia cultural do país, o museu de 24 hectares, sobrevive com base num orçamento que é apenas uma fracção dos orçamentos das suas contrapartes ricas. Mesmo assim, cobra uma taxa de entrada muito baixa — cerca de 10 centavos de dólar — para que até o mais pobre seja capaz de entrar e ver coisas maravilhosas, incluindo animais selvagens.

“É o espelho do Níger, a sua reflexão social e cultural,” disse o seu director, Haladou Mamane, orgulhosamente destacando os seus pontos fortes em termos de cultura, história, arqueologia, paleontologia, sem se esquecer da secção do jardim zoológico, que faz “parte de uma tradição multidisciplinar.”

“Aqui todos os nigerinos, independentemente da sua proveniência, podem ganhar conhecimentos sobre o país,” disse Mamane.

Antes da pandemia, o museu tinha mais de 100.000 visitantes por ano, muitos deles são as chamadas crianças talibé. Estas crianças são únicas na África Ocidental — os seus pais entregaram-nas a um tipo de escolas islâmicas, onde elas deviam aprender o Alcorão. Mas elas tipicamente passam os seus dias como mendigos nas ruas empoeiradas, com um receptáculo de metal pendurado nos seus pescoços, e muitas encontram no museu um escape maravilhoso.

“Eu venho de Yantala,” um distrito degradado do nordeste de Niamey, “para ver os animais, os macacos, os leões, os crocodilos,” disse Ismael Mariama, de 12 anos de idade.

O museu, que foi fundado pouco antes de o Níger ganhar a sua independência da França, em 1960, está a planificar uma reabilitação e uma expansão com a ajuda de doações internacionais. O museu promete que, uma vez concluído o trabalho de reconstrução, as 111 espécies do jardim zoológico irão gozar de melhores condições.

O Museu Nacional do Níger inclui um jardim zoológico.

AFP/GETTY IMAGES

Cinema Sudanês Renasce Depois da Revolução

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Depois da revolução de 2019, os cineastas sudaneses repentinamente gozam de maior abertura e já ganharam muitos prémios internacionais. Mas os artistas ainda não receberam o mesmo reconhecimento em casa.

O cinema esteve debilitado no Sudão durante três décadas de governo autoritário de Omar al-Bashir. Mas os sudaneses saíram para as ruas para exigir a liberdade, a paz e a justiça social, e o governo de Bashir chegou ao fim em Abril de 2019. “Começamos a compreender o quanto a nossa sociedade precisava dos nossos sonhos,” disse o director Amjad Abu Alala.

O seu filme de 2019 intitulado “*You Will Die at Twenty*” (Você Vai Morrer aos Vinte Anos) foi o primeiro filme sudanês a concorrer para um Óscar e o primeiro filme sudanês transmitido na plataforma Netflix, ganhando prémios em festivais internacionais de cinema de Veneza, na Itália, e El Gouna, no Egipto. O filme conta a história de um jovem a quem uma mística prevê a sua morte aos 20 anos de idade.

Enquanto o Sudão passa por uma transição política precária, os cineastas do país encontraram mais espaço onde podem operar, disse Alala. Jovens cineastas agem “sem os complexos, a falta de autoconfiança ou a frustração que sofremos nas gerações anteriores,” acrescentou.

Talal Afifi, director do programa Sudan Film Factory, com sede em Khartoum, no Sudão, formou centenas de jovens na área de produção de filmes. Afifi começou a trabalhar muito antes da revolução de 2019, com os avanços na tecnologia de câmaras digitais, fazendo com que a produção de filmes fosse muito mais acessível.

O cineasta participou num festival de curta-metragem, em 2008, em Munique, onde o filme vencedor, um documentário iraquiano filmado à mão, inspirou-o a voltar para casa e criar um centro de formação e uma casa de produção.

Nas décadas anteriores, a Sudan Film Factory organizou 30 workshops de escrita de roteiros, direcção e edição e produziu mais de 60 curta-metragens que foram honradas em festivais internacionais, do Brasil ao Japão. A Film Factory lançou o Sudan Independent Film Festival, em 2015, um festival de filmes sudaneses e internacionais que decorre anualmente em Cartum, a capital do país.



O Sudan Independent Film Festival inclui uma semana de apresentações em Cartum. AFP/GETTY IMAGES

Futebol Regressa à Líbia

NOTÍCIAS DA BBC EM [BBC.CO.UK/NEWS](https://www.bbc.co.uk/news)

Na Líbia, já está a decorrer o campeonato de futebol, pela primeira vez, desde Abril de 2019, quando a guerra civil forçou o término do campeonato de forma prematura.

A nova época teve o seu arranque em 2021, sem sobressaltos, mas a segurança ainda é precária. Um cessar-fogo está em vigor no país.

“O futebol da Líbia sofreu muito com a ausência da liga e o seu regresso será positivo para a selecção nacional da Líbia nos confrontos que se seguem,” disse Abdul Nasser Ahmed, secretário-geral da Federação de Futebol da Líbia. “Este foi um esforço conjunto de todos os actores que encorajaram esta acção e que têm trabalhado em colaboração com a Federação de Futebol da Líbia para vencer todos os obstáculos, quer seja em termos de segurança ou de saúde.”

Ele disse que as autoridades sanitárias concordaram com o início da liga “sob a condição de que os clubes observem várias medidas de precaução e, em particular, que a liga decorra sem adeptos nos estádios.”

Depois de uma proibição de sete anos, a Líbia voltou a



A selecção nacional de futebol da Líbia prepara-se para entrar em cena para um jogo de qualificação para a Copa Africana das Nações de 2021. A Líbia recebeu a Tunísia depois de uma proibição de sete anos sem competições internacionais de futebol em casa. AFP/GETTY IMAGES

receber jogos internacionais. A época da selecção nacional da Líbia começou quando esta acolheu o jogo de qualificação para a Copa Africana das Nações de 2021 com a Tunísia, no dia 25 de Março de 2021, na cidade oriental de Benghazi. A Tunísia venceu por 5 a 2, num confronto que decorreu a portas fechadas devido à persistente pandemia da COVID-19. A derrota pôs fim ao desejo da Líbia de jogar na próxima Copa Africana, em Camarões, em 2022.

O CENÁRIO DE ANIMAÇÃO DE ÁFRICA ESTÁ AO RUBRO

NOTÍCIAS DA BBC EM [BBC.CO.UK/NEWS](https://www.bbc.co.uk/news)

O animador nigeriano Ridwan Moshood estava tão determinado para aprender como fazer desenhos animados, passava horas nos cibercafés, em Lagos, assistindo a aulas do YouTube e tomando notas.

“Eu ia para um cibercafé, via tutoriais de vídeo e tomava notas de qualquer coisa que eu aprendesse,” disse.

Actualmente, o jovem de 26 anos de idade é uma estrela em ascensão no cenário de animação em crescimento em África.

Em 2018, teve o reconhecimento do Cartoon Network Africa Creative Lab, pela sua animação intitulada “Garbage Boy and Trash Can” (O Menino do Lixo e a Lata de Lixo).

Desde essa altura, ele criou uma empresa de produção e agora espera que a sua mais recente ideia, um desenho animado, no cenário de Lagos, chamado “In My Hood” (No Meu Bairro), seja comissionado para ser uma série.

A jornada de Ridwan Moshood na animação não é única.

“Em todo o continente, ouvimos estas histórias,” disse Nick Wilson, fundador da African Animation Network (Rede Africana de Animação), sediada em Joanesburgo, na África do Sul.



RIDWAN MOSHOOD

Ele conta uma lista de países onde os animadores locais estão a começar a deixar as suas marcas: Burkina Faso, Gana, Quénia, Moçambique, Nigéria, África do Sul e Uganda.

“Em todos os lugares onde tenho tido a oportunidade de ir e interagir com a comunidade, encontramos talentos muito excepcionais, e a maioria deste talento é autodidacta,” disse.

Embora as histórias de animadores

autodidactas a irromperem na indústria sejam inspiradoras, oportunidades de formação mais formais precisam de ser desenvolvidas, disse.

Recentemente foram anunciadas parcerias com os estúdios internacionais de animação Toonz Media Group e Baboon Animation. Ambas as empresas têm planos para criar academias de animação em África, acrescentando as dezenas que já existem.

Embora as oportunidades de formação formal sejam raras, as produções feitas a nível local já estão a começar a ter o seu arranque. Chris Morgan, da Fundi Films, foi capaz de ser escolhido num concurso de talentos pan-africano pela sua recente produção, *My Better World* (O Meu Melhor Mundo).

A série educativa visando alcançar crianças em idade escolar e jovens adolescentes envolveu equipas de criadores a trabalharem de forma remota em todo o continente.

“Tínhamos mais de 100 produtores que estavam a trabalhar em sete países diferentes, e isto aconteceu antes da COVID,” disse, falando a partir de Mpumalanga, na África do Sul.

O resultado é uma série de 55 curta-metragens de animação, que estão disponíveis em Inglês, Hausa, Somali e Swahili.



EMBAIXADA DOS EUA, LUANDA

ANGOLA EM DIRECÇÃO A UM FUTURO LIVRE DE MINAS

EQUIPA DA ADF

Depois de três décadas de guerra civil, Angola ficou com um legado mortal: as minas terrestres. Embora o conflito tenha terminado em 2002, Angola continua a ser um dos países com mais minas no mundo. Em 2019, 76 pessoas morreram vítimas de explosões de minas.

Aproximadamente um quinto da população do país vive em zonas com minas, o que afecta todos os aspectos das suas vidas.

“As minas terrestres não apenas matam e mutilam pessoas inocentes, mas também isolam comunidades de necessidades básicas tais como fontes de água, vias de acesso e terras produtivas cruciais para o cultivo e para a pastagem do gado,” disse o grupo de desminagem APOPO.

O país estabeleceu uma meta de remover todas as minas até 2025 e fez progressos significativos, removendo e destruindo aproximadamente 10.000 engenhos explosivos, em 2019. Mas teve retrocessos devido a perdas de rendimentos causadas pela baixa dos preços do petróleo e pela recessão económica causada pela COVID-19.

Para ajudar Angola a manter-se num bom caminho, os Estados Unidos vão doar 11,1 milhões de dólares para a desminagem e gestão de depósitos de armas. Desde 1995, os Estados Unidos contribuíram com 145 milhões de dólares para estas causas em Angola.

“Vinte e cinco anos de apoio comprometido dos Estados Unidos para a desminagem humanitária resultaram na destruição de mais de 218.000 minas terrestres e outros engenhos explosivos perigosos e uma devolução segura de mais de 463 quilómetros quadrados de terras ao povo de Angola,” disse a Embaixadora dos EUA em Angola, Nina Marie Fite.

Parte do financiamento irá ajudar a reabilitar e construir 16 instalações de armazenamento de armas e munições assim como formar especialistas em gestão de depósitos de armamento. Desde 2006, os EUA ajudaram Angola a destruir quase 108.000 armas excedentes e 588 toneladas de munições obsoletas e desnecessárias.

Um dos grupos apoiados pelo financiamento, a HALO Trust, recrutou e formou equipas de desminagem, compostas exclusivamente por mulheres, a nível do país. O projecto da HALO, denominado 100 Mulheres na Desminagem, oferece capacitação e oportunidades a mulheres de zonas de baixo rendimento, muitas das quais mães solteiras.

“A diferença que fazemos na comunidade é enorme, porque as pessoas podem seguir com as suas vidas. Elas estão muito mais felizes porque se sentem seguras,” Rita Kassova Kachiponde, uma trabalhadora da desminagem, disse num vídeo da HALO Trust. “Ficarei muito, muito feliz quando Angola estiver livre de minas.”

GANA LANÇA CENTRO DE OPERAÇÕES PARA LUTAR CONTRA O CIBERCRIME

EQUIPA DA ADF

Gana abriu um centro de operações de segurança (COS) para fazer a monitoria de e responder a ataques cibernéticos.

O centro, dirigido pela Agência Nacional de Tecnologias de Informação, sob tutela do Ministério das Comunicações, irá proteger os dados dos ministérios, departamentos e agências governamentais do Gana.

“O COS irá oferecer serviços, incluindo a monitoria da rede, que irão garantir que as redes do governo beneficiem de monitoria consistente em tempo real e irão contribuir para a identificação de padrões e a priorização de problemas para a optimização dos recursos e a gestão das ameaças,” disse a Ministra das Comunicações, Ursula Owusu-Ekuful, ao GanaWeb.

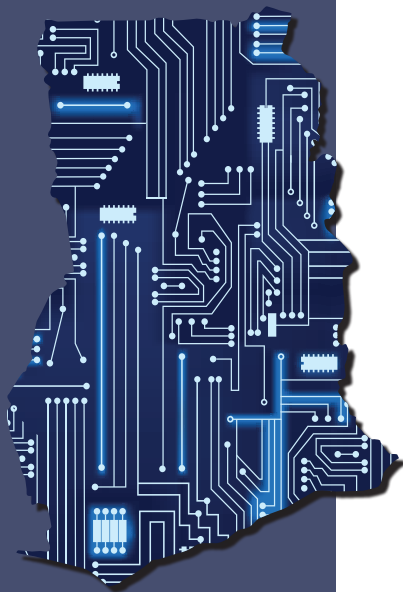
Espera-se que o centro faça parcerias com a Equipa de Respostas a Emergências Informáticas (CERT) e o Centro Nacional de Cibersegurança (NCSC). O Gana tem uma história de cibercrime, principalmente relacionada com fraudes dos cartões de crédito, roubo de identidade e esquemas de adiantamentos de taxas. O país perdeu 105 milhões de dólares em 2019 devido aos crimes cibernéticos, comunicou o centro.

O Gana priorizou a segurança cibernética nestes últimos anos. Em 2020, o seu parlamento promulgou a Lei de Cibersegurança para proteger infra-estruturas nacionais de grande importância, regular a actividade online e proteger as crianças da exploração virtual. Em Novembro de 2020, a unidade do cibercrime da Polícia do Gana foi notícia de destaque, quando prendeu o administrador da Empressleak, uma página da internet que extorquia pessoas, publicando pornografia de vingança.

“Estar um passo adiante do cibercrime exige trabalho diligente para identificar, comunicar e, por fim, eliminar vulnerabilidades,” disse Christopher Lamora, Chefe da Missão, na Embaixada dos EUA, em Acri.

O director do centro, Dr. Albert Antwi-Boasiako, está confiante de que o país está a registar ganhos contra os criminosos. Ele deu crédito aos cidadãos que contactam o centro para comunicar incidentes através de e-mail, WhatsApp, mensagens de texto ou telefonemas.

“Somente entre Janeiro e Agosto [de 2020], mais de 5.000 residentes entraram em contacto com o NCSC, através da CERT Nacional para pedir orientações e conselhos sobre como lidar com questões de cibersegurança, a maior parte das quais envolvidas em fraudes online,” disse Antwi-Boasiako ao GhanaWeb.



Diálogo do Sudão do Sul Pretende Acabar com a Violência Pastor-Agricultor

EQUIPA DA ADF

Os conflitos causados pela migração anual de gado são comuns no Sudão do Sul. As vacas, às vezes, comem ou destroem as culturas dos agricultores, que podem reagir matando o gado. Isso intensifica a guerra entre famílias ou aldeias. A Missão das Nações Unidas no Sudão do Sul (UNMISS) está a apoiar um esforço que viaja de aldeia em aldeia para facilitar o diálogo e resolver as disputas.

“O nosso objectivo ao virmos para cá hoje é de encorajar-vos a optarem pelo diálogo para resolver qualquer discórdia em vez de recorrer à violência,” disse Joseph Ngoriakou, responsável pelos assuntos civis na UNMISS, falando para uma multidão, no Estado de Warrap, no início de 2021, de acordo com a ReliefWeb.

Cerca de 200 pessoas, incluindo mulheres, jovens e líderes locais da região, reuniram-se para debater sobre como fazer com que a actual época de migrações de gado seja mais pacífica possível para os pastores e agricultores.

“Por favor, não permitam que o vosso gado destrua as nossas culturas. Nós [os agricultores] estamos dispostos a partilhar os recursos que existem convosco de uma forma pacífica,” Wol Ngong Uchala, um residente de Bab-Chok, na zona de Malual Muok, disse quando falava com os criadores de gado, num evento da UNMISS.

A ONU também está a apoiar um tribunal móvel para julgar os conflitos que não podem ser resolvidos apenas através do diálogo. O grupo assinou o acordo de Marial Bai, em 2016, que orienta como os conflitos devem ser resolvidos, como os criadores de gado devem pedir permissão para movimentar os seus animais e como as compensações devem ser feitas em caso de perda.

Os oradores do evento apresentaram a necessidade de diminuir a quantidade de armas ilegais que circulam na região.

“No passado, as pessoas fugiam para obter segurança de ataques de leões que os atacavam. Hoje, os humanos correm pelas suas vidas por causa de outros humanos,” disse Kerubino Mayar, um criador de gado de Tonj. “Eles têm armas e matam-se uns aos outros. Isso deve acabar. Haja reconciliação, vamos acabar com estes problemas.”



Um evento organizado pela Missão da ONU no Sudão do Sul, no Estado de Warrap, visa promover o diálogo entre agricultores e criadores de gado. UNMISS



Sul diariamente. Ser capaz de construir capacidades de agências da lei locais é um bônus.”

Malambo serve no Sudão do Sul desde 2016, quando começou como instrutora da Força Policial Conjunta Integrada. Três meses depois de chegar ao país, a guerra eclodiu. Em pouco tempo, ela viu-se a ajudar as pessoas que vinham em massa para o acampamento da UNMISS, à procura de protecção.

“Eu própria estava com medo, mas sabia que se uma agente da polícia de uniforme manifestasse medo, então, não haveria esperança para estas mulheres,” disse. “Então, comecei a encorajá-las e a dizer-lhes que a luta iria parar, iria terminar.”

Malambo é mãe solteira e simpatiza-

-se com a luta daquelas que se separaram das suas famílias ou foram atacadas durante os conflitos. Ela encorajou as mulheres a serem pacificadoras. “Eu devo ter influenciado algumas delas, porque, em pouco tempo, muitas mulheres começaram a apelar os seus maridos para pararem de lutar,” disse. “Começamos a ver homens a virem para o acampamento da UNMISS e a entregarem as suas armas.”

Ela disse que ficou “maravilhada e honrada” por receber o prémio, mas que acredita que servir os necessitados é o seu maior privilégio. “A verdadeira recompensa para mim como uma pacificadora, como uma agente da polícia e como uma mulher, é a oportunidade de servir uma causa que transcende todas as fronteiras — a paz sustentável para todos, incluindo os marginalizados, os deslocados e os incapacitados.”

Melhor Agente da Polícia do Ano Capacita Mulheres como Pacificadoras

MISSÃO DA ONU NO SUDÃO DO SUL

A inspectora-chefe, Doreen Mazuba Malambo, da Zâmbia, acredita num lema simples: “Ensinar uma mulher é ensinar uma nação.”

Ela trouxe esta sabedoria para mais de uma década de serviço em missões de manutenção da paz no continente africano, onde ela ajudou a proteger mulheres e crianças encontradas em conflitos. Agora a servir na Missão das Nações Unidas no Sudão do Sul (UNMISS), ela foi nomeada Melhor Agente da Polícia do Ano do Sexo Feminino da ONU.

“Sempre acreditei que as mulheres precisam de ser ouvidas em quaisquer problemas que tenham uma ligação directa com o seu dia-a-dia,” disse. “O meu trabalho como conselheira do género permite-me fazer esforços para capacitar mulheres e raparigas do Sudão do

Forças Aéreas Nigerianas Treinam Investigadores em Matérias de Cenário do Crime

EQUIPA DA ADF

As Forças Aéreas Nigerianas (NAF) estão a melhorar as suas habilidades de investigar, apreender e julgar criminosos, incluindo aqueles que praticam o tráfico de bens ilícitos.

As NAF graduaram 15 pessoas no Curso Avançado de Investigação de Cenário de Crime, no Grupo de Investigação Provost 057, em Lagos. O curso intensivo de quatro semanas ensinou o pessoal das Forças Aéreas como abordar o combate ao crime de forma científica.

O curso envolveu tópicos como recuperação de provas, fotografia de cenário de crime e impressões digitais. Os graduados aprenderam como retirar e preservar provas de DNA e como apresentar provas durante os processos judiciais.

Durante a cerimónia de graduação, o Vice-Marechal Aéreo, Lawal Alao, disse aos graduados que esta formação fazia parte de um pressão maior para posicionar as NAF como uma força de combate disciplinada e profissional.

Em 2018, as NAF abriram e remodelaram um laboratório de



FORÇA AÉREA NIGERIANA

criminalística forense completamente equipado. Na cerimónia de inauguração, o então Inspector-Geral da Polícia, Ibrahim Idris, disse que a preservação de provas é fundamental para o cumprimento da lei. “Sem uma prova objectiva obtida através da análise científica, muitos casos criminais teriam ficado sem solução e os seus perpetradores ficariam impunes,” disse. “Assim, isto é uma autêntica ferramenta não apenas para apreender e processar, mas também para dissuadir.”

Ele aplaudiu os esforços das NAF em dar passos significativos em direcção ao cumprimento da lei. “É um testemunho do compromisso de liderança das Forças Aéreas Nigerianas para pressionar os limites e melhorar as metodologias e as plataformas tecnológicas para detectar e analisar provas de crime no serviço,” disse.

Exército do Chade Lança Projecto Agrário *para Apoiar as Tropas*

EQUIPA DA ADF

Um projecto-piloto das Forças Armadas do Chade pretende criar um fornecimento auto-sustentável de produtos alimentares para o exército, através do desenvolvimento de explorações agrícolas nos postos avançados do exército.

Os graduados da Escola Agrária do Exército do Chade iniciaram a primeira machamba da base, no centro de formação militar de Koundoul. As terras lavradas e irrigadas cobrem cerca de 6,5 hectares dentro do complexo militar e possuem culturas tais como o arroz, quiabo, feijão, melancias, hibiscos, tomate, beringela e cebola.

“A criação da Exploração Agrícola das Forças Armadas despertou as habilidades que aprendemos em Koundoul,” Tenente Adam Eritero Cordubo, um dos graduados do curso de 2019, da escola agrária, disse à ADF. “As nossas habilidades aprendidas na escola são utilizadas diariamente aqui.”

Os produtos da exploração agrária alimentam os soldados da base de Koundoul e do quartel-general das Forças Terrestres Chadianas, em N'Djamena. Uma parte da colheita vai para o armazenamento a longo prazo e para o banco de sementes para futuro plantio.

“Desta forma, a pressão sobre o Exército para adquirir produtos alimentares dos mercados à volta da capital, N'Djamena, é reduzida, o que representa uma vantagem para os civis,” Ladiba Gondeu, antropólogo social da Universidade de N'Djamena, disse à ADF.

As Forças Terrestres Chadianas incluem 28.000 soldados em 12 comandos de zona e oito centros de formação espalhados pelos mais de 1,3 milhões de quilómetros quadrados. As forças chadianas são fundamentais para a

Força Conjunta G5 do Sahel, que luta contra extremistas na região entre o Sahara e a África tropical.

“A logística de qualquer espécie é um tema altamente desafiador para abordar,” Stuart Bracken, assessor das Forças Terrestres que trabalha na contratada americana, Apogee Systems Corp., disse à ADF. A Apogee garantiu apoio financeiro e logístico para o lançamento do programa agrícola.

A Escola Agrária do Exército iniciou em 2008, com o apoio financeiro da Embaixada da França para formar os soldados em habilidades que podem utilizar para ganharem a vida depois de abandonarem a vida militar. Desde então, a escola formou 100 pessoas a cultivar a terra.

A agricultura perfaz cerca de 52% da economia do Chade e emprega 80% da sua mão-de-obra. Apesar disso, a segurança alimentar é um desafio constante. Secas, conflitos regionais e a falta de terras aráveis, muitas vezes, reduzem a quantidade de alimentos que o país é capaz de produzir, resultando em carência, de acordo com o Programa Mundial de Alimentação, das Nações Unidas.

O projecto Koundoul garante que haja uma fonte confiável de produtos alimentares para o exército do país enquanto faz o uso das habilidades que os soldados desenvolvem na escola agrária. Juntamente com os 6,5 hectares arados, o projecto Koundoul também acrescentou um edifício agrário de 47 metros quadrados, incluindo escritórios e espaço de armazenamento.

A primeira exploração agrária foi desenvolvida como um teste. Se os líderes militares apoiarem e encontrarem fundos, o projecto agrário pode ser replicado em todas as 12 zonas.

Os habilidosos agricultores das Forças Terrestres estão prontos para criarem a sua marca.

“Esperamos que, através do nosso trabalho, possamos tornar o comando melhor, mas precisamos de apoio,” disse o Capitão Mohammed Ismael Ahamet, outro graduado do curso de 2019 da escola agrária. “Com mais apoio, seremos capazes de prestar assistência ao comando e ao país com toda a força.”



Soldados chadianos separam produtos colhidos nos postos avançados das Forças Terrestres em Koundoul. Graduados da Escola Agrária do Exército desenvolveram uma área de cultivo de 6,5 hectares. STUART BRACKEN/APOGEE SYSTEMS CORP





Mulheres
compram
roupa em
Nairobi,
Quênia.

THE ASSOCIATED
PRESS

GRUPOS DE POUPANÇA SALVAM QUENIANOS

VOZ DA AMÉRICA

A pandemia da COVID-19 causou a perda de aproximadamente 2 milhões de empregos no Quênia, obrigando muitos a aderirem à economia informal. Contudo, os quenianos também têm um segredo que mantém muitos deles estáveis financeiramente — a maior cooperativa de poupança e movimento de empréstimos de África.

Com mais de 14 milhões de membros a fazerem contribuições mensais, as cooperativas do Quênia oferecem empréstimos durante os tempos difíceis, ajudando muitos a ultrapassarem as dificuldades trazidas pela pandemia ou mesmo para começarem os seus próprios negócios.

Judy Muthama vendia sapatos e utensílios no bairro suburbano de Mukuru Kwa Njenga, na zona central de Nairobi. As vendas iam bem até que a pandemia veio destruir o seu negócio. Mas ela está a recomendar o seu negócio com um empréstimo de 600 dólares, concedidos por uma união de poupança e crédito, onde ela tinha sido membro por três anos.

Muthama disse que, se não fosse a cooperativa, ela teria encerrado o seu negócio. Ela afirmou que a cooperativa melhorou a sua situação sempre que encontrou dificuldades financeiras.

Austin Oduor é o presidente da cooperativa denominada Uprising Housing Cooperative, cuja união de poupanças possui 834 membros. Ele disse que a união já registou uma queda de 80% em cobranças mensais, desde Março de 2020, mas ainda ajuda os seus membros a ultrapassarem os períodos económicos difíceis.

“Eles reconhecem a cooperativa e nós trabalhamos com eles em várias vertentes,” disse. “Distribuimos vale de alimentos, produtos para a lavagem das mãos, máscaras. Demos a alguns deles empréstimos para poderem levar os seus filhos de volta para a escola.”



Um comerciante de Nairobi encerra o seu estabelecimento devido ao início do recolher obrigatório resultante da pandemia da COVID-19.

AFP/GETTY IMAGES

Kristin Wilcox, directora de programas da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, que trabalha em estreita ligação com as sociedades cooperativas do Quênia, disse que admira as iniciativas que motivam os grupos.

“Através da sua própria natureza, não existe ninguém de fora que presta assistência a estes membros para alcançarem os seus objectivos. É puramente baseado nas suas próprias energias e nas suas próprias habilidades de colectivizar,” disse. “Eu penso que isso é animador, porque não existe ninguém, nenhum homem que esteja por detrás das cortinas, não existe ninguém que no fim do dia vá ficar com a maior parte do lucro. O que conseguem alcançar é para eles mesmos.”

Líderes Cristãos e Muçulmanos Sudanese Promovem Liberdade Religiosa

VOZ DA AMÉRICA

Líderes muçulmanos e cristãos sudaneses juntaram-se para promover a liberdade religiosa no país, agora que o governo de Omar al-Bashir está fora do poder. O grupo assinou um acordo de paz, declarando que a liberdade religiosa é um direito humano.

No final da conferência de dois dias, os líderes religiosos concordaram em promover a paz e a liberdade de adoração entre todas as comunidades sudaneses e encorajar o diálogo comunitário entre as populações de diferentes crenças religiosas.

O arcebispo católico de Cartum, Michael Didi, disse que a declaração irá ajudar a criar espaço para mais liberdade religiosa no Sudão, enquanto o país embarca numa nova era, depois da revolução que levou líderes militares a tirarem Bashir do poder.

Didi disse que três décadas de opressão religiosa criaram um estigma social entre diferentes comunidades em todo o país e a mudança não irá acontecer da noite para o dia.

Jibril Bilal, um membro do grupo rebelde baseado em Darfur, denominado Movimento de Justiça e Equidade, disse que as resoluções da declaração estão em linha com o acordo de paz mediado em Juba, no Sudão do Sul, que apela a um sistema de governo, no Sudão, com direitos iguais para todos.

William Devlin, co-presidente da organização da Unidade Internacional, sediada em Cartum, disse que a declaração preparou o caminho para a liberdade religiosa, depois de décadas de governo islâmico rigoroso. Ele apelou os muçulmanos e os cristãos a esquecerem o passado e trabalharem juntos para criar um novo Sudão onde os cidadãos são tratados de igual maneira.

Adoradores sudaneses reúnem-se para as orações de Eid al-Fitr, em Cartum.

THE ASSOCIATED PRESS



Mulheres da Somália Recebem Prémio de 1 Milhão de Dólares

VOZ DA AMÉRICA

Uma mãe somali e sua filha, que dedicaram as suas vidas a reabilitar as vítimas do conflito, estão a ganhar aclamação internacional, recebendo um prémio de 1 milhão de dólares.

Fartuun Adan e a sua filha, Ilwad Elman, operam o Elman Peace, uma organização que ajuda vítimas da violência sexual e trabalha para reabilitar e dar formação profissional a crianças-soldado, na Somália.

Elas receberam o Prémio Aurora por Despertar a Humanidade, de 2020, dado anualmente a uma pessoa ou um grupo que arrisca a sua vida para proteger pessoas em conflito. O prémio é dado em homenagem às vítimas do genocídio arménio. Elas são o quinto receptor desde que o prémio foi criado.

O par criou o Sister Somalia, o primeiro centro de crises relacionadas com violações do país que oferece protecção, aconselhamento e tratamento médico às vítimas. Em 2010, quando o centro de crise começou o seu trabalho, políticos da Somália, incluindo o presidente, negaram que existiam violações no país. Abordar esse assunto era considerado um tabu.

Quando o grupo abriu uma linha de atendimento através da qual as vítimas podiam ligar para pedir ajuda, os operadores receberam ameaças de violência de pessoas que não queriam que este assunto fosse discutido.

“O nosso pessoal foi preso, ameaçado. Os nossos centros foram encerrados. E isto foi apenas 10 anos atrás,” disse Elman. “Não havia um perfil sobre como era uma sobrevivente da violência sexual na Somália naquela altura, desde uma mulher de 70 anos de idade até uma criança de 2 anos. Impunidade total.”

O centro de crise cresceu para incluir instalações de apoio locais em nove regiões da Somália. A questão, uma vez ignorada, agora está a ser debatida no parlamento por representantes do sexo feminino eleitos.

“Temos muito que fazer, mas vimos de um lugar onde nem sequer se podia falar sobre isso,” disse Elman. “Não havia sequer serviços disponíveis para hoje termos múltiplos provedores de serviços onde podemos ter um grande aumento de participação das mulheres [no Parlamento], de 11% para 24%.”

“Temos uma conversa que realmente reconhece que isto está a acontecer no país,” disse Elman. “E agora tenta compreender o que se pode fazer sobre isso em oposição a recusar a sua existência. Então, existe um tremendo progresso.”

O activismo da família começou com o falecido marido de Fartuun Adan, Elman Ali Ahmed. Um activista da paz, ele possuía lojas de reparação de viaturas em Mogadíscio, onde oferecia emprego e formação profissional a jovens que decidiam deixar as milícias baseadas nos clãs. Era conhecido pelo seu lema “Abandone a arma, pegue numa caneta.”



Fartuun Adan

AFP/GETTY IMAGES



Ciclismo Arranca em Nairobi

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Uma tendência crescente em Nairobi, Quênia, é ver cada vez mais pessoas a envolverem-se no ciclismo, desde o início da pandemia da COVID-19, apesar da grande falta de pistas para ciclismo.

É um sinal promissor numa cidade capital onde a poluição do ar aumentou em 182% desde a década de 70 e os congestionamentos custam cerca de 1 bilhão de dólares em produtividade perdida anualmente.

Na sua loja de venda de bicicletas usadas na cidade, Jimmy Karumba disse que experimentou um aumento nas vendas de mais de 50% em 2020. O lojista, que vendia principalmente bicicletas para crianças antes da pandemia, disse que recebeu muitos clientes adultos à procura de evitar os transportes públicos e de continuar em forma.

Sem a protecção das pistas de ciclismo, os ciclistas devem navegar entre camiões antiquados, carros de tracção a quatro rodas em alta velocidade e motocicletas cruzando as pistas, numa auto-estrada muito agitada durante a hora da ponta. Contudo, alguns ainda vêem vários benefícios para este meio de transporte.

Apesar de ter sofrido dois acidentes ligeiros, o videógrafo Steven Odhiambo é um grande adepto dos benefícios do ciclismo. Ele diz que perdeu 20 quilogramas apenas por pedalar e poupa significativamente nos transportes, graças a uma bicicleta usada que ele

comprou por cerca de 140 dólares.

“O receio estava em tentar manobrar nestas nossas estradas onde a grande percentagem dos motoristas geralmente são descuidados,” disse.

“Podem empurrar-te para fora da estrada; não estão preocupados contigo. Mas eu apenas olho para as vantagens e desvantagens. Estou mais seguro numa bicicleta, estou a cumprir com o distanciamento social e gasto menos tempo.”

Cyprine Odada, da Critical Mass, uma aliança de grupos de ciclistas que promove uma corrida mensal de cerca de 1.000 pessoas, em Nairobi, disse que a pandemia mostrou aos políticos que o ciclismo tem grande popularidade entre os quenianos e não é exclusivamente um meio de transporte para os que têm menos recursos financeiros.

“Estranhamente, a COVID tem sido boa para os ciclistas,” disse. “Demonstrou aos políticos que as pessoas querem caminhar, as pessoas querem pedalar. E elas têm de o fazer, quer eles gostem ou não. Eles têm de encontrar uma forma de garantir que as pessoas cheguem aos seus destinos de forma segura e sã. Não tem mais a ver connosco, obrigando a nós mesmos a partilhar as estradas com os motoristas, precisamos de espaços dedicados especificamente para os ciclistas e para os pedestres.”

Ciclistas participam do evento mensal da Critical Mass, em Nairobi.

AFP/GETTY IMAGES

Tijolos Plásticos do Quênia

MAIS FORTES

Do Que o

CONCRETO

REUTERS

Nzambi Matee lança um tijolo numa trilha construída com tijolos feitos à base de plástico reciclado que a sua fábrica produz na capital do Quênia.

Faz um grande barulho, mas não se parte.

“O nosso produto é quase cinco a sete vezes mais forte do que o concreto,” disse Matee, fundadora da empresa Gjenge Makers, sediada em Nairobi, que transforma resíduos plásticos em materiais de construção de alta durabilidade.

“Existem aqueles resíduos que não podem ser mais processados, não podem mais ser reciclados,” disse. “É esse que nós recebemos.” Matee recebe os resíduos gratuitamente de fábricas de empacotamento, embora ela pague pelos plásticos que recebe de outros recicladores. A sua fábrica produz 1.500 tijolos por dia, feitos a partir de uma mistura de diferentes tipos de plástico.

Estes possuem polietileno de alta densidade, utilizado nas garrafas de leite e de shampoo; polietileno de baixa densidade, muitas vezes, utilizado nos plásticos de sandes ou de cereais; e polipropileno, usado para cordas, fios da parte superior dos chinelos e nos baldes.

Os resíduos plásticos são misturados com areia, aquecidos e depois comprimidos, transformando-os em tijolos, que são mais tarde vendidos a preços variados, dependendo da durabilidade e cor. O tijolo de cinzento comum custa 850 xelins quenianos (7,70 dólares) por metro quadrado.

Matee, engenheira de materiais que concebeu as suas próprias máquinas, disse que a sua empresa já reciclou 20 toneladas de resíduos plásticos desde a sua fundação, em 2017. Ela pretende acrescentar outra linha de produção maior, que possa triplicar a sua capacidade, e espera atingir o ponto de equilíbrio até ao final de 2021.

Matee criou a sua fábrica depois de ter ficado sem paciência de esperar pelo governo para resolver o problema da poluição causada pelos plásticos.

“Eu estava cansada de ficar nos bastidores,” disse.

REUTERS



África Segue em Frente com o

Bloco de Comércio Continental

VOZ DA AMÉRICA

África acaba de lançar o maior bloco de comércio mundial depois da Organização Mundial do Comércio. Todos os países africanos, excepto Eritreia, aderiram à Zona de Comércio Livre Continental Africana e estão a desenvolver directrizes de segurança para o comércio durante a pandemia.

Presidente da Nigéria, Muhammadu Buhari, assina o acordo da Zona de Comércio Livre Continental Africana.

AFP/GETTY IMAGES

O lançamento da Zona de Comércio Livre Continental Africana inicialmente havia sido programado para meados de 2020, mais foi adiado por causa da pandemia.

Os governos africanos decidiram seguir em frente com o lançamento, na esperança de que o bloco de comércio poderia impulsionar as economias africanas afectadas pela COVID-19.

Em alguns países, tais como a Nigéria, as autoridades estão a lidar cautelosamente com o comércio, examinando pessoas e bens. A Nigéria está entre os mais de 30 países africanos que ratificaram o tratado, até Dezembro de 2020.

A ideia é de impulsionar a “Regra de Origem” dos bens, o que significa que todos os bens que atravessam as fronteiras devem ser produzidos em África, não importados. O objectivo é de aumentar o comércio intra-África, que é cerca de 16% de todo o comércio.

O continente possui um produto interno bruto combinado de 3 triliões de dólares. Especialistas afirmam que o acordo de comércio pode expandir o comércio intra-África em até mais de 50%, e o acordo possui um mecanismo de resolução de conflitos para lidar com conflitos relacionados com o comércio.

Muitos países africanos estão a contar com a participação da Nigéria para reforçar o pacto. A Nigéria possui a maior economia do continente.

As autoridades nigerianas criaram um Comité Nacional de Acção que integra funcionários das alfândegas, de segurança e de saúde para supervisionar os acordos de comércio do país com os membros e aconselhar adequadamente o governo.



CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

O General Que se Tornou PACIFICADOR

EQUIPA DA ADF

Foi pouco antes da meia-noite, no final de um longo dia de eleições, em 2000, quando Lamine Cissé, o Ministro do Interior do Senegal, teve a tarefa nada invejável de dizer ao presidente que ele tinha perdido.

Num telefonema histórico, Cissé, um general reformado de quatro estrelas, encontrou as palavras simplesmente correctas para dar ao presidente Abdou Diouf a conhecer que o povo tinha falado e era altura de aceitar a sua decisão.

“Senhor Presidente, a situação está difícil para si e para o seu partido. As tendências que estão contra o senhor agora são irreversíveis,” disse Cissé, de acordo com o seu livro de memórias. “Se o senhor felicitar o seu oponente, conforme prometeu ao seu director de campanha, o senhor será o vencedor moral destas eleições.”

Diouf aceitou os resultados e deixou o cargo de forma pacífica, naquela que foi a primeira transição democrática do Senegal. O presidente recentemente eleito, Abdoulaye Wade, mais tarde, disse que Diouf merecia o prémio Nobel da Paz pelas suas acções.

As eleições marcaram o começo de uma segunda carreira para Cissé.

Cissé nasceu em 1939, em Sokone, Senegal. A sua formação inclui graduações da Escola Militar Especial de Saint Cyr, na França; Universidade Nacional de Defesa, de Washington DC; Centro de Estudos Superiores de Defesa Nacional, de Paris; e Escola de Comandos e Generais do

Exército de Fort Leavenworth, Kansas.

Depois das eleições de 2000, o então Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan, nomeou-o representante especial para o conflito na República Centro-Africana, onde trabalhou até 2007. Também foi o chefe dos escritórios da ONU na África Central.

Na altura, Cissé disse ao serviço de notícias IRIN que a salvação da República Centro-Africana dependia das forças opostas sentadas na mesa das negociações.

“Os filhos e as filhas do país devem falar entre eles à mesa,” disse. “O diálogo é a única saída para este país.”

Em 2007, o então Secretário-Geral da ONU, Ban Ki-moon, nomeou Cissé como seu representante especial para a África Ocidental, onde ele presidiu sobre a disputada fronteira entre os Camarões e a Nigéria, na Península de Bakassi.

Em 2010, Cissé foi nomeado chefe da Equipa de Avaliação de Segurança Internacional na República da Guiné, onde foi também o coordenador da ONU para a reforma do sector de segurança, até 2015. Na Guiné, ele trabalhou com uma equipa de especialistas na avaliação do sector de segurança para preparar a reestruturação das Forças Armadas.

Ele foi o primeiro senegalês indicado para o Corredor da Fama da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA e o primeiro africano indicado para o Corredor da Fama da Universidade de Defesa Nacional.

Senegal e outros países homenagearam Cissé pelo seu trabalho. A sua terra natal galardoou-o com a Grande Cruz da Ordem Nacional de Lion e a Grande Cruz da Ordem de Mérito. A França galardoou-o como Oficial da Legião Francesa de Honra e Grande Oficial da Ordem Francesa de Mérito.

Cissé também foi um grande amigo do Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS), em Washington DC. Ao longo dos 20 anos, ele participou em mais de duas dezenas de eventos do centro como organizador, facilitador e orador convidado. Também foi o presidente do Capítulo de Senegal dos capítulos das comunidades do ACSS.

Ele perdeu a vida em Dakar, Senegal, em 2019, aos 80 anos de idade.

Em Fevereiro de 2021, a PartnersGlobal, a Partners West Africa Nigeria e a Partners West Africa Senegal decidiram oferecer bolsas de pesquisa a duas jovens pesquisadoras africanas e profissionais que trabalham na sociedade civil e no sector de segurança. Estas bolsas irão financiar a “investigação inovadora à volta da prevenção e resolução pacífica de conflitos em África,” especialmente para mulheres.

São designadas Bolsas de Pesquisa de Paz e Segurança da Mulher General Lamine Cissé.



DICAS

- 1 Este parque possui 249.313 hectares e estende-se ao longo de dois países.
- 2 Entre as suas características encontram-se rampas de areia, arcadas, caves, declives, pilares e piscinas naturais nas rochas.
- 3 O abutre-do-cabo, em vias de extinção, e o abutre-barbudo vivem neste parque, como também o faz o vairão, um conjunto de espécies de peixe que não é encontrado em nenhum outro lugar.
- 4 O povo San, que aqui viveu há 4.000 anos, deixou o maior e mais concentrado grupo de pinturas rupestres do Sul do Sahara.

PARTILHE O SEU CONHECIMENTO

Deseja ser publicado?

A *Africa Defense Forum (ADF)* é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas de segurança em África.

A revista é publicada trimestralmente pelo Comando Africano dos Estados Unidos e aborda temas como estratégias de combate ao terrorismo, operações de defesa e segurança, crime transnacional e questões que afectam a paz, estabilidade, boa governação e prosperidade.

O fórum permite que haja um debate aprofundado e intercâmbio de ideias. Gostaríamos de ouvir a opinião de pessoas das nossas nações parceiras africanas que compreendem os interesses e os desafios do continente. Submeta um artigo para publicação na *ADF* e deixe a sua opinião ser ouvida.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS NA *ADF*

REQUISITOS EDITORIAIS

- A preferência é para artigos com aproximadamente 1.500 palavras.
- Os artigos podem ser editados para se ajustarem ao estilo e espaçamento, mas a *ADF* irá colaborar com o autor quanto às alterações finais.
- Inclua uma pequena biografia sua com informações de contacto.
- Se possível, inclua uma fotografia sua de alta resolução e imagens relacionadas ao seu artigo com legendas e informações sobre os créditos da foto.

DIREITOS Os autores mantêm todos os direitos sobre o seu material original. No entanto, reservamo-nos o direito de editar artigos para que estejam em conformidade com os padrões do AP e do espaço. A apresentação do artigo não garante a sua publicação. Ao contribuir para a *ADF*, você concorda com estes termos.

SUBMISSÕES

Envie todas as ideias de reportagens, conteúdos e dúvidas para a Equipa Editorial da *ADF* através do ADF.EDITOR@ADF-Magazine.com. Ou envie um e-mail para um dos seguintes endereços:



Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Unit 29951
APO AE 09751 USA

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Kelley Kaserne
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart Germany



FIQUE LIGADO

Caso queira ficar ligado nas redes sociais, siga a **@ADFmagazine** no Facebook, Twitter e Instagram. Também enviamos notícias confiáveis sobre segurança directamente para si através da nossa lista de e-mails e do WhatsApp. Visite a página **ADF-Magazine.com/Contact** e diga-nos qual é a sua língua preferida (Inglês, Francês, Árabe ou Português), e mantenha-se actualizado sobre as mais recentes tendências e tópicos sobre segurança de toda a África.